



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS

VIVIANE PEREIRA DE ANDRADE

**UMA ANÁLISE SOBRE O TRABALHO REAL REPRESENTADO EM
RELATÓRIOS DE ESTÁGIO DE UMA LICENCIANDA EM LETRAS INGLÊS**

João Pessoa

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS

VIVIANE PEREIRA DE ANDRADE

**UMA ANÁLISE SOBRE O TRABALHO REAL REPRESENTADO EM
RELATÓRIOS DE ESTÁGIO DE UMA LICENCIANDA EM LETRAS INGLÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras da Universidade Federal da Paraíba
como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em Letras – Inglês.
Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Carla Lynn
Reichmann**

João Pessoa – PB

2023

A553a Andrade, Viviane Pereira de.

Uma análise sobre o trabalho real representado em relatórios de estágio de uma licencianda em letras inglês / Viviane Pereira de Andrade. - João Pessoa, 2023.

84 f. : il.

Orientação: Carla Lynn Reichmann Reichmann.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Professor-pesquisador. 2. Estágio supervisionado.
3. Trabalho real. 4. Elementos constitutivos do trabalho. I. Reichmann, Carla Lynn Reichmann. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 811.111

VIVIANE PEREIRA DE ANDRADE

**UMA ANÁLISE SOBRE O TRABALHO REAL REPRESENTADO EM
RELATÓRIOS DE ESTÁGIO DE UMA LICENCIANDA EM LETRAS INGLÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras no Curso de Letras- Inglês, da Universidade Federal da Paraíba.

Data de Aprovação: 02/06/2023

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Carla Lynn Reichmann

Orientadora

UFPB

Prof^a. Dr^a. Andréa Burity Dialectaquiz

Examinadora

UFPB

Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa

Examinador

UFPB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade de iniciar e poder concluir este curso. Não foi fácil vencer tantos obstáculos, mas sempre me destes forças para prosseguir. “Bem sei eu que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido”. Eu sei que sem ti não seria possível! A ti Senhor, toda Honra e toda Glória.

Em seguida, agradeço minha mãe Leni Pereira de Andrade e a minha avó Maria José de Souza Andrade que enfrentaram realidades tão duras para que eu, meus irmãos e meus primos tivessem um caminho diferente e menos sofrido que o delas.

Agradeço ao meu avô, Luiz Pereira de Andrade (in memoriam) a quem tanto amo e queria dar orgulho. Lembro da nossa última conversa por telefone, como ficou feliz quando disse que havia passado na primeira fase do vestibular... não foi daquela vez, mas aqui estou eu finalizando um curso superior numa Universidade Pública. (era para o Senhor estar aqui papai).

Meu agradecimento em especial a professora Dra. Carla Lynn Reichmann, que me proporcionou o sentimento de pertencimento na comunidade acadêmica me dando voz, acreditando em mim e sempre me incentivando nas disciplinas que ministrou. Obrigada por acreditar em mim e caminhar comigo nesse período final como minha orientadora. Toda minha gratidão!

Agradeço também a professora Andrea Dialectaquiz que em nosso primeiro contato me encheu de esperança e mudou o rumo da minha carreira acadêmica. Obrigada por dedicar cada momento das aulas extras de língua inglesa, por acompanhar todo o processo do meu retorno à graduação. Toda minha gratidão!

Meus agradecimentos a professora Rosycléa Dantas que me encorajava e incentivava durante nossas aulas e no período de estágio me ensinou muito sobre o que é ser professor. Minha gratidão, como ela sempre diz: você é demais!

Agradeço também ao professor Wallison que tornava nossas aulas leves e que sempre surgia com uma mensagem de apoio e incentivo. Gratidão Wallison!

Agradecer a Jéssica Fernanda, por me dar suporte, apoio durante toda essa jornada acadêmica, por enfrentar comigo as dificuldades e pelas vezes em que acreditou mais do que eu mesma que daria certo.

Finalmente, agradecer a todas e todos que de alguma forma contribuíram para que esse ciclo se concretizasse em minha vida.

RESUMO

O trabalho docente é frequentemente percebido, como senso comum, pelo observável em relação às práticas docentes em sala de aula. Esta percepção simplista sobre o trabalho do professor leva a uma crença de que seu trabalho é uma espécie de sacerdócio ou dom, o que apaga a complexidade do *ensino como trabalho*, como aponta Machado (2004). Nesses termos, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o trabalho real representado em três relatórios de estágio supervisionado desenvolvidos por uma licencianda no âmbito do curso de Letras-Inglês-UFPB. O presente estudo adere ao paradigma qualitativo de pesquisa, alinhando-se à perspectiva do professor como pesquisador, segundo Bortoni Ricardo (2008) e Minayo (2001), e esta pesquisa pretende problematizar, a partir da análise de três relatórios de estágio de uma graduanda em letras inglês (a própria professora-pesquisadora), que ensinar ultrapassa as fronteiras do que pode ser percebido na sala de aula. Para tanto, serão utilizados o aporte das Ciências do Trabalho, em especial o conceito de *trabalho real* (CLOT, 2007), como também da Ergonomia francesa, a saber, os *elementos constitutivos do trabalho* (AMIGUES, 2004) - *prescrições, regras de ofício, coletivo e ferramentas* – que podem nos dar indícios da complexidade no agir de uma professora estagiária. Para melhor demonstrar a parte invisível desse ofício, e dando visibilidade ao trabalho real, utilizaremos a analogia do *iceberg* (MEDRADO, 2017). Nosso recorte é constituído por quinze trechos extraídos de três relatórios de estágios produzidos nas escolas-campo de estágio, ou seja, no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, em 2019; na Escola Cidadã Integral Dom José Maria Pires, em 2022; e no Centro de Línguas Estrangeiras de João Pessoa, em 2022. A análise do trabalho real representado nos relatórios sinaliza que os impedimentos se constituem, principalmente, por questões relativas a prescrições como o tempo, o plano de aula e a deficiência visual, por exemplo, como também com a ferramenta-música. Para concluir, a realização desta pesquisa possibilitou a análise do trabalho real de uma professora estagiária a partir de um olhar distanciado, sinalizando a compreensão de que nem sempre o que o professor não consegue realizar é ligado à falta de conhecimento ou experiência: imprevistos são inerentes ao trabalho docente.

Palavras-chave: Professor-pesquisador; estágio supervisionado; trabalho real; elementos constitutivos do trabalho; licenciatura em Letras-Língua inglesa.

ABSTRACT

In a common sense view, teacher's work is often perceived as observable classroom practices. This simplistic perception about teaching leads to the belief that teacher's work is a kind of mission or inherited gift, which erases the complexity of teaching as work (MACHADO, 2004). Along these lines, the main objective of this piece of research is to analyse the real work represented in three internship reports produced by an undergraduate student in the Letters-English program at UFPB. The present study is aligned to the qualitative research paradigm and to the teacher-researcher perspective, according to Bortoni Ricardo (2008) and Minayo (2001). Grounded on the internship reports written by a university student (i.e. myself, the teacher researcher), teacher's work will be problematized, so as to discuss the notion that teaching practices transcend what is actually observable in the classroom. The theoretical frameworks of the Labor Sciences, in special the concept of *real work* (CLOT, 2007, and of French Ergonomics and the *constitutive elements of work* – i.e. *prescriptions, work rules, collectives and tools* - will be employed, enabling the identification of traces signaling the complexity of a novice teacher's work. The notion of the *iceberg analogy* for real work (MEDRADO, 2017) will also be discussed. Fifteen excerpts will be analysed, selected from the three internship reports produced in the following field schools - Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, in 2019; Escola Cidadã Integral Dom José Maria Pires, in 2022; and Centro de Línguas Estrangeiras de João Pessoa, in 2022. The analysis of real work represented in the reports suggests that it is constituted mainly by impediments related to prescriptions such as time, the lesson plan, and blindness, as well as the tool music, for example. In sum, developing this study enabled the analysis of a novice teacher's work by means of a distanced perspective, thus forging the understanding that it is not always due to a lack of knowledge or experience that a teacher cannot do what was planned: unpredictable events are inherent to teacher's work.

Key words: Teacher researcher; supervised internship; real work; constitutive elements of work; Letters – English undergraduate teaching program.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Situando a produção dos três Relatórios de Estágio	26
Quadro 02: Elementos constitutivos do trabalho nos relatórios de estágio.....	33
Quadro 03: Elementos constitutivos do trabalho em 15 trechos selecionados	34

LISTA DE FIGURAS

Figura:01-Iceberg como trabalho real	16
Figura:02-Representação do Iceberg.....	17
Figura:03-Chaplin e as engrenagens.....	19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Ciências do Trabalho.....	14
2.2 Ergonomia Francesa.....	17
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE PESQUISA.....	24
3.1 Natureza da pesquisa.....	24
3.2 Contexto.....	26
3.3 Professora-pesquisadora.....	27
3.4 Geração de dados.....	29
3.5 Procedimentos de análise.....	31
CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E ANÁLISE.....	33
4.1 Resultados.....	33
4.2 Análise.....	34
4.2.1 Regras do ofício.....	35
4.2.2 Coletivos.....	36
4.2.3 Ferramentas.....	37
4.2.4 Prescrições.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICES.....	46
ANEXOS.....	79

INTRODUÇÃO

O tema deste TCC nasceu da inquietação que a pesquisadora sentia em entender como se configurava o trabalho do professor iniciante no estágio supervisionado. Porém, esta graduanda do curso de Letras-Inglês – e que também é a pesquisadora deste trabalho - percebeu durante os seus estágios na Universidade que o trabalho docente ultrapassa as fronteiras das escolas e até mesmo do seu poder ou querer fazer. Entre a organização de uma aula, as escolhas que são necessárias e os materiais utilizados, existem ainda as interferências do seu contexto de atuação e as interações que necessita construir entre professor regente, alunos, e alunos entre si. Tais questões contribuem para e fazem parte do *trabalho real* (CLOT, 2007), conceito que será esclarecido adiante.

No entanto, tais dimensões nem sempre são possíveis de serem percebidas quando se observa um professor atuando em sala de aula. As Ciências do Trabalho (CLOT, 2007) e a Ergonomia Francesa (AMIGUES, 2004), com seu conceito de *elementos constitutivos*, que também trataremos adiante, contribuem para entendermos o trabalho docente. Entendemos que diversas questões incluídas no agir do professor não são perceptíveis e podem ser de extrema importância, pois possibilitam a compreensão acerca do complexo trabalho do professor. Partindo dessas reflexões, surgiram as duas perguntas a seguir:

1. Que elementos constitutivos emergem nos relatórios?
2. De que maneira o trabalho real é representado nos relatórios?

Para tanto, como dito acima, utilizaremos os conceitos provenientes das Ciências do Trabalho (CLOT, 2007) e da Ergonomia Francesa (AMIGUES, 2004, MACHADO, 2004) focando no trabalho real, na tarefa e na atividade, como também nos elementos constitutivos do trabalho.

O objetivo geral do nosso TCC é analisar o trabalho real representado em três relatórios de estágio supervisionado desenvolvidos por uma licencianda no âmbito do curso de Letras-Inglês-UFPB.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Identificar elementos constitutivos do trabalho
- Analisar os impedimentos representados em três relatórios de estágio.

Vale ressaltar que nosso corpus se constitui de 15 trechos extraídos de três relatórios de estágio produzidos no âmbito do eixo curricular de estágio do curso de Letras-Inglês,

no Departamento de Letras Estrangeiras da UFPB. Como já dito, a licencianda também é a pesquisadora deste TCC

Segundo o Projeto Pedagógico de Curso (PPC), de 2006,¹ de Letras- Inglês da Universidade Federal da Paraíba, a licenciatura objetiva a formação de cidadãos aptos a atuarem no Ensino Fundamental e Médio e com habilidades que satisfaçam as necessidades da sociedade, como pode ser visto nos cinco pontos abaixo:

1. refletir sobre a importância da linguagem na socialização humana, revendo os conceitos de “competência” e “habilidade”, no que eles remetem para o individualismo e o cumprimento técnico de determinadas tarefas;
2. refletir sobre a importância do domínio da linguagem (em suas várias formas de manifestação e registro) como fundamental não apenas para a interação social, mas também para o julgamento crítico das relações sociais e do contexto em que o aluno está inserido, capacitando-o para as atividades de ensino, pesquisa, visando a sua formação como agente produtor e não mero transmissor do conhecimento;
3. promover a extensão como forma de articular o ensino e a pesquisa com a realidade social da qual ele faz parte.
4. ler, analisar e produzir textos em diferentes linguagens, em diferentes variedades da língua e em diferentes contextos.
5. dominar um repertório representativo da literatura em língua portuguesa e ser capaz de estabelecer as relações de intertextualidade com a literatura universal; 6. desempenhar o papel de agente multiplicador, visando à formação de leitores críticos, intérpretes e produtores de textos de diferentes gêneros (PPC – UFPB, 2006, p. 9).

Ainda segundo o documento, serão ofertadas disciplinas de conteúdos específicos da língua estudada, formação pedagógica, estágio supervisionado de ensino, entre outras disciplinas complementares e flexíveis que propiciem aos graduandos refletirem sobre a sociedade atual e sobre o ser professor. Para esclarecer o eixo curricular de estágio no curso de Letras- Língua Inglesa da UFPB, nosso contexto de pesquisa, descreveremos a seguir as etapas cada um dos sete estágios oferecidos, totalizando 420 horas.

¹ Estamos considerando apenas o Projeto Pedagógico de Curso de 2006 de letras inglês da UFPB.

Os estágios iniciais, ou seja, do I ao IV são efetivamente realizados na própria Universidade e são discutidos documentos oficiais, pressupostos teórico-metodológicos, processos de avaliação em língua inglesa, livros didáticos e fatores socioculturais, leis que regem o trabalho do professor, seus regimes, etc. Cada estágio equivale a quatro créditos, com uma carga horária de sessenta horas cada.

No Estágio Supervisionado V, os alunos iniciam intervenções no ambiente social de escolas do Ensino Fundamental, fazem intervenções no dia a dia das aulas que são supervisionados por um professor supervisor. A Universidade Federal da Paraíba possui convênios com escolas Estaduais Municipais, Institutos Federais, Escolas de Idiomas. A UFPB também tem um convênio com o Instituto dos Cegos da Paraíba (ICPAC) desde 2016, devido ao trabalho realizado pela Profa. Dra. Rosycléa Dantas, que voluntariamente prestou serviços ao Instituto dos Cegos da Paraíba por vários anos. Esta escola-campo de estágio proporciona uma experiência muito importante para os estagiários de língua inglesa, permitindo o contato com alunos com deficiência visual nesse primeiro acesso ao mundo da educação. Como bem foi relatado pela graduanda que é a pesquisadora desse TCC, “O estágio supervisionado V foi um momento único na minha vida. A princípio eu faria numa escola regular de ensino fundamental, porém pensei que seria um grande desafio trabalhar com alunos que possuíam deficiência visual” (Apêndice B).

Como já mencionado, a partir do Estágio Supervisionado V, os alunos fazem parte da rotina das escolas e da realidade da sala de aula, sempre com a supervisão do professor regente e do professor da disciplina, que também promove momentos de escuta e troca de experiências com os estagiários na Universidade. Já no Estágio VI, os alunos seguem o mesmo processo do Estágio V sendo que atuando no Ensino Médio e no Estágio VII atuam em escolas de idiomas. Assim como nos quatro estágios iniciais, nesses últimos os alunos obtêm quatro créditos por disciplina e uma carga horária de sessenta horas.

Outro fator importante é que esses estágios foram atravessados pela pandemia e pelo ensino remoto emergencial (ERE). Trataremos adiante sobre a maneira como os três estágios cursados foram afetados por esta calamidade imprevisível – ora presenciais, ora remotos, ora híbridos.

Em suma, este TCC está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro esta Introdução, seguida da Fundamentação Teórica, sobre as Ciências do Trabalho e a Ergonomia Francesa. O Capítulo 3 trata da Metodologia de pesquisa, o Capítulo 4

apresentará os Resultados e a análise e, fechando o trabalho, o Capítulo 5 trará nossas Considerações Finais.

Após este sucinto panorama sobre este trabalho de pesquisa, o próximo capítulo tratará da fundamentação teórica.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de demonstrarmos os conceitos que direcionam a nossa pesquisa e que embasam nossa discussão, este capítulo se organiza em duas seções. Primeiramente, esclarecemos os conceitos de *trabalho realizado* e *trabalho real*, oriundos das Ciências do Trabalho (CLOT, 2007) e, posteriormente, discorremos sobre a Ergonomia Francesa (AMIGUES, 2004, MACHADO, 2004), com foco na tarefa e atividade, como também, principalmente, nos elementos constitutivos do trabalho, conceitos relevantes na nossa discussão, a saber: *as prescrições, os coletivos, as regras do ofício e as ferramentas* (AMIGUES, 2004).

2.1 Ciências do Trabalho

Para a realização deste TCC, nos apoiaremos nas Ciências do Trabalho por meio de Yves Clot, que nos traz importantes contribuições para esclarecermos o trabalho do professor. Ao nos questionarmos sobre o trabalho docente, entendemos que o senso comum leva em consideração apenas aquilo que é observável em sala de aula, ou seja, tudo aquilo que se pode visualizar, constituindo o *trabalho realizado*, segundo Clot (2007). No entanto, para entendermos a dimensão do trabalho do professor, iniciaremos esta seção demonstrando o conceito de *trabalho real*, ou *real da atividade*, que, nas palavras de Clot (2007, p.116):

é também aquilo que não se faz, aquilo que não se pode fazer, aquilo que se busca fazer sem conseguir – os fracassos - aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou que se sonha poder fazer...Aquilo que se faz para não fazer aquilo que se tem a fazer ou ainda aquilo que se faz sem querer fazer. Sem contar aquilo que se tem que refazer.

Para o autor, quando se tem a pretensão de analisar o trabalho (em nosso caso o trabalho docente), é necessário um olhar cuidadoso para enxergarmos para além do que se materializa em nossa frente, pois o *trabalho real* corresponde àquilo além do que se fez, de todas as possibilidades que se tinha para a realização e que não foram colocadas em prática por forças que o professor não pode prever.

Como podemos ver no exemplo do excerto a seguir, retirado do relatório Reflexões no Estágio Supervisionado VI (Apêndice C): *num determinado momento os*

alunos de outra turma começaram a passar pelos corredores, se comunicar com os alunos da sala e isso me deixou desatenta. Eu fiquei com a atenção dividida entre a turma e os alunos lá fora. Neste trecho, a professora estagiária demonstra que por ocasião de movimentações externas à sala de aula sua atenção foi afetada o que lhe fez mudar ou refazer sua maneira de explicar o conteúdo. Ou ainda, como podemos ler em outro excerto: *neste exato momento uma aluna me perguntou sobre os verbos terminados em CVC... No entanto, eu fiquei sem saber o que fazer nessa hora... Tentei usar o quadro, mas me deu um branco, então expliquei não de uma maneira didática...*

Numa observação rápida da prática dessa professora estagiária, não se perceberia a sua mudança de rota para chegar ao seu objetivo. No entanto, a partir do segundo excerto, podemos notar o caminho que a professora estagiária percorreu mentalmente para solucionar a dúvida da aluna. Assim, entendemos que fatores externos fizeram com que sua atenção ficasse dispersa impedindo-a de realizar aquela ação tal como projetou.

Ou seja, o observador não pode se ater apenas ao que está sendo realizado, mas também ao que não foi feito, aos porquês de não se poder fazer, ao desejo de fazer, às mudanças de rota, etc. Segundo Clot (2007, p.116), o espaço entre o que a professora estagiária teria que fazer o prescrito e o que de fato fez - o realizado - é justamente o *real da atividade, o trabalho real*. Segundo o autor, não se pode negar as atividades que não podem ser visibilizadas de alguma maneira, pois “[a] atividade afastada, ocultada ou inibida nem por isso está ausente” de alguma forma vai reverberar no trabalho ou na aula que o professor irá ministrar. (CLOT, 2007, p. 116).

Portanto, é de grande relevância entendermos o real da atividade, construto relevante no nosso estudo. Porém, assim como há uma dificuldade em enxergarmos as bactérias - ou em nosso tempo de pandemia, um vírus, sem a ajuda das lentes de um microscópio - há também dificuldade em entendermos/enxergarmos o *real da atividade/trabalho real*. Por essa razão, utilizamos a analogia de Medrado (2017, p.165) que nos traz um esclarecimento a respeito do real da atividade, representado na figura de um *iceberg*:

A ponta do iceberg constituindo-se o que podemos perceber em sala de aula como observadores externos. Invisível é, exatamente, o que está submerso, e apenas o professor pode explicar o que está além do que não conseguimos capturar: como contornou as tensões que

apareceram em sala; como reorientou seu plano e atividades; e a partir de quais critérios; quais momentos motivaram-no a fazer determinada intervenção ou modificar estratégias etc.

Em outras palavras, podemos compreender um iceberg como sendo apenas a parte que está visível, sem termos de fato o discernimento de que a parte que está submersa é tão complexa quanto a parte visível – enfim, seria como olhar para o trabalho do professor sem termos a dimensão do *trabalho real* – submerso, invisível, o não-realizado, ou seja, o trabalho afetado por *impedimentos* (CLOT, 2007), conceito que também será salientado em nossa análise.

Por essa razão, para não sermos embaraçados com um olhar superficial, a esclarecedora analogia que Medrado faz entre o iceberg e o trabalho real nos dá uma visão ampla do trabalho do professor, pois a partir dela podemos de fato ter a dimensão e a complexidade do trabalho docente. Observemos a imagem a seguir, considerando que a parte superior do iceberg é o *trabalho realizado* e a totalidade do iceberg é o *trabalho real*:

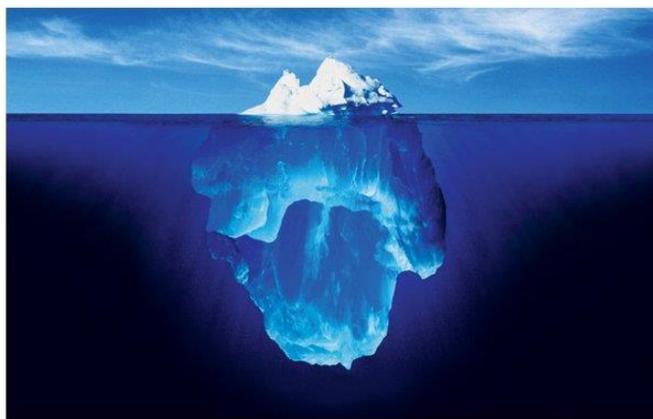


Figura 01. Iceberg como trabalho real (Medrado 2017)

Ou ainda, como localizamos recentemente, o *iceberg* representado na imagem a seguir:



Figura:02- Representação do Iceberg

Fonte: (<https://www.coisadeprof.com.br>)

Conforme Medrado (2017), vale ressaltar que tudo aquilo que um observador comum pode notar/constatar durante uma aula se refere ao que está visível do iceberg, o que vemos a olhos nus é apenas sua ‘ponta’, ou seja, *o trabalho realizado*. Quando se tem um diálogo com os atores, por exemplo, com os professores regentes, é que podemos enxergar a parte submersa e invisível do iceberg. Apenas o professor poderá dimensionar o que precisou ser modificado no seu plano por força de razões internas e externas que fogem ao seu controle.

Assim sendo, acreditamos que a analogia que Medrado faz do iceberg é de grande importância para a análise do trabalho do professor, inclusive como proposto neste estudo, com foco no trabalho real representado em relatórios de estágio de uma professora iniciante. O trabalho real pode nos dar a dimensão de todas as movimentações materiais, intelectuais, psicológicas, sociais e contextuais, por assim dizer, um panorama do que foi de fato almejado pelo profissional. Assim como nos afirma Lousada (2004, p. 277), "a noção de trabalho real permite melhor entender a própria atividade realizada e pode ser extremamente valiosa para a análise do trabalho do professor".

Esclarecidos estes conceitos, na próxima seção introduziremos as noções advindas da Ergonomia Francesa - Atividade/Tarefa e os elementos constitutivos do trabalho do professor.

2.2 Ergonomia Francesa

Nesta seção, organizada em duas subseções, apresentaremos aspectos relevantes para nossa pesquisa, tais como os conceitos de *tarefa* e *atividade*, e os elementos constitutivos, provenientes da Ergonomia Francesa.

Primeiramente, iniciaremos tratando de noções gerais de trabalho. Em sua tese, Araújo (2021, p.83) aponta que o ser humano desempenha ao longo de sua vida atividades que preencherão de maneira considerável o seu tempo e história, ou seja, o trabalho. Este torna-se um componente formador do ser humano. A autora também nos chama atenção para a dimensionalidade do trabalho, ele nunca se encerra quando o trabalhador deixa as portas das fábricas, lojas, ou em nosso caso, quando o professor deixa a sala de aula. A partir desse posicionamento da autora, podemos acrescentar que o trabalho do professor não termina e nem começa nas dependências das instituições.

Ainda segundo a autora, existe um debate entre as ciências em busca de um conceito atual de trabalho, porém no ocidente ainda são utilizadas concepções antigas que tinham uma tendência a inferiorizar o trabalho em função da conotação negativa ligada à Bíblia Sagrada, que via o trabalho de subsistência como um castigo dado pela desobediência e consequente expulsão de Adão e Eva do paraíso (MACHADO, 2007, apud ARAUJO, 2021 p.85). O trabalho só passou a ser visto como algo positivo após a reforma protestante quando a ideia de que a participação em projetos sociais era uma forma de agradar a Deus.

Em seguida, Araújo explica que “somente no século XVIII, com o alavancamento de indústrias fabris, que a denotação positiva do trabalho se consolidou, sendo somente no final desse mesmo século que o termo absorveu o sentido literal de como vislumbramos o trabalho atualmente” (p. 84). Araújo também afirma que posteriormente tivemos o advento do regime taylorista que transformou o trabalho em tarefas, ou seja, prescrições que deveriam ser cumpridas pelos indivíduos nas indústrias e desembocando no Fordismo, que era a mecanização completa da ação do trabalhador. Transformando-os em mais uma peça nas engrenagens de uma grande máquina de produção, sem possibilidade de sua condição humana ser levada em consideração – assim como no filme *Tempos Modernos*, quando o personagem Carlitos vira parte da engrenagem, como podemos ver na imagem na página a seguir.



Figura:03 Chaplin e as engrenagens - Fonte:

<https://www.kuadro.com.br/gabarito/unesp/2009/historia/unesp-2009-observe-a-imagem-cena-do-personagem-car/13285>

Souza-e-Silva (2004, p.86) aponta que “recusando essa abordagem mecanicista segundo a qual o homem, como a máquina, pode ser reduzido à atividade que executa, a ergonomia aborda a atividade de trabalho como elemento central organizador e estruturante dos componentes de trabalho”. A Ergonomia nasce em 1947 na Grã-Bretanha, como resultado dos estudos que foram feitos durante a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de minimizar os impactos e esforços humanos quando em condições extremas. Simultaneamente, na França há estudos visando a observação do trabalho humano, porém só na década de 1960 que esses estudos foram institucionalizados.

A autora esclarece que, apesar do aparecimento simultâneo da Ergonomia na Grã-Bretanha e na França, devido à ausência desta última na corrida tecnológica motivada pelas exigências das necessidades provocadas pela Segunda Guerra Mundial e também a ligação dos ergonomistas franceses com movimentos operários, fizeram com que a Ergonomia francesa se preocupasse com os efeitos reais da ação da Ergonomia sobre o trabalho.

Desta forma, para Souza-e-Silva (cf WISNER, 1996 apud SOUSA E SILVA, 2004, p. 87), a ergonomia na Grã-Bretanha tinha como objetivo a adaptação da máquina ao homem; enquanto na França, seu objetivo era a adaptação do trabalho ao homem. Colocado assim, seria a Ergonomia em um caráter dialógico, Ergonomia situada ou

Ergonomia da atividade. Assim a Ergonomia foca na atividade de trabalho como objeto de estudo.

Segundo Souza e Silva (2004, p.84), a definição científica da Ergonomia seria “Um conjunto de conhecimentos sobre o ser humano no trabalho e uma prática de ação que relaciona intimamente a compreensão do trabalho e sua transformação”.

Após esta breve explanação, adiante demonstraremos as noções de *tarefa* e *atividade* oriundas da Ergonomia francesa que embasam o nosso estudo.

Amigues (2004, p. 39) faz menção das teses da atividade propostas por Vygotsky e acredita que “foi primeiro no campo da psicologia do trabalho e da ergonomia de língua francesa que a atividade passou a ter função heurística”. Nosso interesse em utilizar essas ciências se deu pela necessidade de melhor compreender o trabalho do professor a partir do “binômio trabalho prescrito ou tarefa/ trabalho realizado ou atividade” (Souza e Silva 2004, p2 84).

Amigues aponta que a partir da utilização desse conceito oriundo da ergonomia foi “permitido formular teoricamente a questão de articulação entre a tarefa e a atividade, de um lado, e a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, de outro” (2004, p. 39). Seguiremos para entendermos o que de fato é *tarefa* e *atividade*.

No ambiente escolar existem diversas prescrições que norteiam o agir do professor. Essas prescrições são produzidas pelo professor como os materiais didáticos e até mesmo imposições hierárquicas da direção das escolas, etc. Sobre todos esses elementos que precedem o trabalho docente, Lousada explica “o trabalho prescrito pode ser considerado como a *tarefa* dada, prescrito pela instituição” (Lousada 2004, p. 275). Amigues reforça que *tarefa* se refere ao que deve ser feito e pode ser objetivamente descrito em termos de condições e de objetivos, de meios (materiais técnicos...) utilizados pelo sujeito” (2004, p.39) Ou seja, tudo aquilo que é colocado como propósito para ser cumprido durante uma aula podemos considerar como *tarefa*.

Pinheiro et al. (2016) ratificam a ideia de que *tarefa* pode ser as predeterminações elaboradas pelo grupo responsável pela instituição, no nosso caso, as escolas, para levar o trabalhador – neste TCC, o professor - a alcançar um fim, acrescentando que a tarefa pode tornar o seu trabalho alienado e limitado, como podemos ver a seguir:

determinada pela organização, a tarefa antecipa as condições de que o indivíduo dispõe, de modo a alcançar um resultado preestabelecido. Nesse ponto, há uma alienação do sujeito, pois ele não é capaz de decidir sobre as limitações, sobre as exigências a que deve se submeter para viabilizar sua ação (Pinheiro et al. (2016, p.112).

O outro conceito que traremos é o de *atividade*. A *atividade* é diretamente oposta a *tarefa*, é a “noção de atividade como realização” (Souza e Silva, p.87), pois se constitui para além do que se pode ser constatado fisicamente. Atividade se trata do que o professor faz para realização de uma tarefa, podendo muitas vezes ser percebida somente com um diálogo ou observação dos próprios agentes que dela participam. Como podemos ler nas palavras de Amigues (2004, p. 39-40):

[a] tarefa refere-se ao que deve ser feito e pode ser objetivamente descrita em termos de condições e de meios (materiais técnicos...) utilizados pelo sujeito. A Atividade corresponde ao que o sujeito faz mentalmente para realizar essa tarefa, não sendo, portanto, diretamente observável, mas inferida a partir da ação concretamente realizada pelo sujeito. Logo ela remete, classicamente, aos processos cognitivos, aos cálculos mentais ou estratégias que lhe permitirão alcançar o objetivo da ação.

Segundo Souza e Silva (2004 p.86), há um campo conceitual extenso para a atividade e por essa razão se atém ao conceito de atividade como realização. Em suma, esclarecidos os conceitos de tarefa e atividade, a seguir trataremos dos conceitos relevantes na nossa análise, propostos por Amigues (2004).

De acordo com Amigues (2004), os valores referidos ao trabalho do professor não são atribuídos por aqueles que exercem o ofício, mas sim, frequentemente, por pessoas que estão de fora. Há julgamentos externos que não retratam e nem permitem uma construção do que de fato se constitui o trabalho do professor. Assim sendo, o autor questiona como dimensionar as práticas do professor, visto que elas são complexas em suas dimensões cognitivas, afetivas, didáticas, sociais, históricas, psicológicas, culturais e identitárias.

Para responder a este questionamento, consideraremos “atividade como unidade de análise da conduta do professor”, ideia advinda de Vygotsky, mas que, segundo Amigues (2004), a partir da Ergonomia francesa foi possível trabalharmos a articulação entre tarefa e atividade. A atividade por sua vez é direcionada para vários destinatários como o próprio

professor, o aluno, a instituição em que trabalha, aos pais, a outros professores assim como mediadas por objetos que constituem um sistema.

Na sua prática, o professor desenvolve e coordena um grupo de objetos que integralizam suas atividades, como esclarece Amigues (2004, p.39), constituindo-se como *prescrições, coletivos, regras de ofício e ferramentas*. Por exemplo, dadas as *prescrições*, o professor necessita colocá-las em prática, para isso desenvolve meios e métodos para aplicá-la, sendo a prescrição, dessa forma, parte da sua atividade não apenas um ponto de partida para seu objetivo de ensinar. Como podemos ver no seguinte excerto no relatório V Regência no Estágio uma Experiência no Instituto dos Cegos da Paraíba (Apêndice B): *Como nosso trabalho era com alunos com deficiência visual, tivemos o cuidado em trazer para a aula materiais que pudessem facilitar o aprendizado através do tato e da audição*. Nessa turma, as Professoras Estagiárias tiveram que adaptar, reformular e até mesmo criar diferentes materiais didáticos acessíveis para que os alunos cegos pudessem ter acesso ao conhecimento – ou seja, a cegueira como prescrição.

Amigues aponta que o trabalho do professor muitas vezes é visto como solitário, isolado. No entanto, o que podemos observar é que quando vislumbramos que os professores precisam dar uma resposta às prescrições para alcançarem o objetivo do seu trabalho, podem atuar em *coletivos*, como no caso do estágio no Instituto dos Cegos, por exemplo, atuando em duplas e trios no estágio, trocando experiências com o professor regente.

Por sua vez, as *regras do ofício* podem ser definidas, segundo Amigues (2004, p. 43 e 44), por “aquilo que liga os profissionais entre si”, são as memórias compartilhadas que poderão com o passar do tempo ressignificar o fazer do professor, sendo ainda reunidos em gestos específicos ao conjunto de professores. Por exemplo, durante seu estágio, a estagiária percebe que o atuar da professora regente é diferente dos seus antigos professores. Partindo dessa constatação, a professora estagiária poderá ressignificar a sua própria atuação como professora.

Por fim, as *ferramentas* correspondem aos materiais didáticos que o professor utiliza, tanto feitos por outros ou por ele mesmo, com o objetivo de tornar o conteúdo significativo para as turmas em que irá ministrar suas aulas. Como exemplos do nosso *corpus*, temos *quadro, medalhas com material plastificado, música*.

Em suma, estes são os conceitos principais relevantes neste TCC, fundamentando-se nas Ciências do Trabalho e na Ergonomia Francesa. No próximo capítulo, iremos apresentar a Metodologia que adotamos para a efetivação desta pesquisa.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DE PESQUISA

Como já mencionado, este TCC foi elaborado a partir do desejo da estagiária em entender o trabalho do professor-estagiário em sala de aula - o desejo em responder às questões sobre os porquês que habitam o universo pedagógico, enfim, imprevistos e questões que impedem realizar o que foi planejado, como os impedimentos são redirecionados ou não, de que maneira isso pode contribuir para o desenvolvimento, aprendizado ou amadurecimento profissional da professora-estagiária.

Para tanto, utilizamos os relatórios de estágio produzidos pela estagiária durante os anos de 2019 e 2022 na licenciatura em Letras-Inglês na UFPB, fizemos recortes analisando trechos que direcionam o seu olhar sobre o trabalho dos professores regentes e sobre a sua própria prática durante as três regências do estágio supervisionado.

Nas seções a seguir, discutiremos o caminho metodológico percorrido. Este capítulo se divide em cinco seções, a saber: a natureza da pesquisa; o contexto de pesquisa, que trará a descrição dos ambientes onde foram pensados e criados os relatórios que utilizamos para análise deste TCC; a trajetória escolar e acadêmica da professora estagiária/pesquisadora. Posteriormente, na geração de dados, daremos detalhes de como o nosso corpus foi produzido e, finalizando este capítulo, teremos os procedimentos de análise.

Vale lembrar que as nossas perguntas de pesquisa são as seguintes:

1. Que elementos constitutivos emergem nos relatórios?
2. De que maneira os impedimentos são representados nos relatórios?

Reiteramos que o objetivo geral desta pesquisa é analisar o trabalho real representado em três relatórios de estágio supervisionado desenvolvidos por uma licencianda no âmbito do curso de Letras-Inglês-UFPB.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Identificar elementos constitutivos;
- Analisar os impedimentos representados nos relatórios de estágio.

3.1 Natureza da Pesquisa

O presente trabalho de pesquisa se alinha ao paradigma qualitativo, aderindo à perspectiva do professor como pesquisador, como será visto a seguir. Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 135), a pesquisa qualitativa é uma busca, um olhar para tentar entender, interpretar fenômenos sociais inseridos num determinado contexto. Para a autora, é possível ao professor, na sua relação de trabalho com a comunidade onde atua, fazer pesquisa a partir de questionamentos sobre o que se faz, o que esse fazer impacta nos indivíduos envolvidos e quais relações existem entre o ambiente escolar e a sociedade da qual participa. Ou seja, propõe o conceito do professor-pesquisador, ao qual este TCC se alinha.

Para Minayo (2001, p.13), a pesquisa é qualitativa quando possui um caráter histórico, pois “sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído”, sendo a provisoriedade característica da questão social. Consciência histórica “não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e a suas construções...” (MINAYO 2001, p.14) e identidade entre sujeito e objeto. A autora também afirma que

[a] pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tomando-os solidariamente imbricados e comprometidos...

Em outras palavras, a partir desses pressupostos, iniciamos nossa pesquisa qualitativa e, como professora estagiária, analisaremos e interpretaremos os excertos de relatórios produzidos dentro do nosso contexto de três estágios supervisionados cursados nos anos de 2019 e 2022. A pesquisa tem o seu caráter qualitativo pelas características expostas por Bortoni Ricardo, que defende que o professor também pode ser um pesquisador através do seu olhar analítico sobre o que está fazendo, como está fazendo e como esse fazer contribui e transforma o contexto onde está trabalhando.

Da mesma forma tem o seu caráter qualitativo por possuir seu caráter histórico, consciência histórica e identidade entre o sujeito e o objeto, como nos aponta Minayo.

Na próxima seção, descreveremos o contexto de produção desta pesquisa, situada no eixo curricular de estágio da licenciatura em Letras-Inglês na UFPB.

3.2 Contexto

Nesta seção, descreveremos os três contextos escolares dos estágios de língua inglesa realizados no âmbito do DLEM/UFPB. Como já dito, durante o curso de Letras-Língua inglesa da UFPB², os graduandos devem cumprir três estágios supervisionados. Após fazer sua matrícula a discente frequentou aulas presenciais com a professora do Estágio Supervisionado e em seguida escolheu entre as escolas conveniadas a que se encaixava ao seu perfil levando em consideração bairro ou cidade onde mora assim como disponibilidade de horário tanto do discente como da Escola ou Instituição. Essa escolha se deu em conjunto e com a orientação das professoras das disciplinas.

Nosso primeiro estágio supervisionado foi realizado em 2019 no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC), localizado no Bairro dos Estados em João Pessoa- PB. O segundo e terceiro estágios foram realizados em 2022, sendo o estágio VI no ECIT Don José Maria Pires no Bairro das Indústrias-PB e o estágio VII no Centro Escolar Municipal de Línguas Estrangeiras (CELEST), na Paraíba.

É importante ressaltarmos que enquanto o primeiro estágio supervisionado foi realizado num mundo dito normal, ou seja, pré-pandêmico, nos outros dois estágios, estávamos sob as inconstâncias e inseguranças devido à Pandemia de COVID 19, na modalidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE), e, posteriormente, nos adaptando ao que passou a ser chamado de “novo normal”. Em suma, o quadro abaixo representa o contexto dos estágios:

Estágio V – 2019	Estágio VI -2022	Estágio VII - 2022
Observações das aulas presenciais na Escola Campo: Instituto dos Cegos da Paraíba; 2019	Observações das aulas híbridas na Escola Campo: ECIT Dom José Maria Pires;	Observações das aulas presenciais na Escola Campo: CELEST
Regência 06/2019	Regência 05/2022	Regência 05/2022
Produção de Relatório de Estágio V	Produção de Relatório de Estágio VI	Produção de Relatório de Estágio VII

Quadro 1: Situando a produção dos três Relatórios de Estágio

² Referências para o Projeto Pedagógico de Curso (Letras/Inglês) 2006 UFPB.

Na seção seguinte apresentaremos um breve relato da trajetória de vida e acadêmica da participante que é a professora estagiária e também a autora deste trabalho de pesquisa.

3.3 Professora-pesquisadora

O texto a seguir foi produzido para este TCC em março de 2023.

Meu contato com o mundo do conhecimento sempre foi marcado por exemplos. Primeiro eu queria ser professora porque uns vizinhos (D. Márcia e Professor) da minha avó eram pessoas esclarecidas e isso desde criança me chamava atenção, da mesma forma queria ler pois quando via minha mãe lendo um livro nas suas horas vagas eu achava muito bonito. A partir desses exemplos desenvolvi o desejo de me tornar uma leitora como minha mãe e uma professora como os meus vizinhos. Quando completei 14 anos uma amiga da minha mãe pediu para que eu ensinasse a tarefa de seu filho. Comecei a dar essa ajuda ao Edvaldo e suas notas começaram a melhorar. Me sentia muito feliz com o avanço do menino a cada prova que ele fazia. Outras mães souberam do desenvolvimento de Edvaldo e começaram a pedir que eu ajudasse também seus filhos. Comecei com Edvaldo e passei a dar reforço escolar para mais 5 crianças. Ficava muito feliz com o crescimento de cada um deles e desesperada outras vezes quando não conseguia conter seus ânimos durante a aula de reforço.

O meu interesse pela língua Inglesa foi despertado pelo fato de assistir repetidas vezes aos filmes que passavam na TV aberta nos 80. Dessa forma quando me deparei com um filme chamado “Curtindo a Vida Adoidado” (que em uma das suas cenas traz um rapaz dançando empolgado a música Twist and shout dos Beatles) despertou em mim o desejo de entender o que aqueles personagens realmente estavam falando, pois eu percebia que muitas vezes o personagem calava e a dublagem continuava. Isso me incomodava!

Quando comecei a cursar o antigo primeiro grau fiquei feliz porque teria uma disciplina de língua inglesa e começaria a entender o idioma que tanto gostava. Na quinta série fiquei super empolgada com a professora que chegava na sala e colocava no quadro algumas palavras em inglês com sua tradução. Depois aprendemos os dias da semana e as saudações e esses foram os conteúdos que eu aprendi durante todo o antigo primeiro grau. Isso me decepcionou, mas pensei que ao chegar no segundo grau eu teria mais da língua inglesa para aprender. No primeiro e segundo ano do segundo grau não tivemos professores de inglês e para compensar isso a direção da escola (Cenecista de Paripe-Ba) decidiu que copiaríamos alguma tradução de música e isso seria nossa nota para fechar a disciplina de língua inglesa.

Em 1999 tive que ir morar no Rio de Janeiro por motivo de trabalho da minha família e lá cursei o terceiro ano do segundo grau. No Colégio Pandiá Calógeras tínhamos professor de língua inglesa e fiquei espantada com a aula. A professora falava em falsos cognatos, dava um texto enorme para que acompanhássemos e eu fiquei perdida, mas observava que todos os colegas conseguiam acompanhar o que a professora falava e explicava. Precisei de ajuda dos colegas para acompanhar a disciplina. Após concluir o ensino médio voltamos para o Nordeste e depois de onze anos consegui ingressar na UFPB para o curso de Letras com licenciatura em língua inglesa.

Em 2019 com a chegada da Covid 19 foi muito difícil acompanhar as aulas. Primeiramente porque estava trabalhando no setor de vigilância Sanitária da Secretaria de Saúde de Santa Rita e nós funcionários estávamos extremamente sobrecarregados. Além do corpo cansado tínhamos a questão psicológica nos incomodando a todo momento, pois tivemos colegas de trabalho morrendo logo que os primeiros casos foram detectados no

nosso Estado. Muitos dos nossos amigos próximos, colegas de trabalho, colegas de curso, professores e familiares foram acometidos por esse vírus devassador que pouco sabíamos naquele momento. Em segundo lugar, a falta de recursos ou a falta de materiais de boa qualidade e até mesmo a instabilidade com os serviços de internet oferecidos pelo mercado local também impactaram negativamente o acompanhamento das aulas durante a Pandemia de Covid 19.

Por fim, tive também muita dificuldade em me matricular nas disciplinas, pois a universidade não ofereceu vagas suficientes para aquelas em que eu tinha necessidade de cursar. Houve semestre que consegui pagar apenas duas disciplinas o que postergou o tempo para que eu concluísse o curso. Em 2022 quando a pandemia dava sinais de que iríamos voltar ao que passou a ser chamado de novo normal, eu, assim como a maior parte da população ainda vivia num clima de total insegurança e medo. Pois havia um clima de instabilidade e não consenso entre os governos do Estado da Paraíba que adotava todas as medidas de segurança como por exemplo: Exigindo o passaporte vacinal ao entrar em locais fechados, número reduzido de clientes em estabelecimentos, entre uso de máscaras e etc., e o representante do governo Federal que fora dos órgãos oficiais estimulava o público a não utilizar máscara e a viver como se a pandemia não existisse.

Mesmo com toda dificuldade e inseguranças desse período em 2022 fiz meus dois últimos estágios supervisionados. Os dois estágios foram marcados por muitos momentos peculiares por causa do terreno instável tanto nas questões sociais, pessoais, de saúde e política.

No entanto, segui e finalizei os estágios e assim nesse momento vencendo todas as dificuldades pessoais e sociais preparo/organizo essa pesquisa para concluir minha graduação e realizar um sonho que foi pensando quando eu ainda era uma menina.

Neste relato a respeito da vida desta pesquisadora, três pontos nos chamam a atenção. Primeiramente, a decepção que sentiu ao perceber que todas as suas aulas de língua inglesa durante o ensino médio eram iguais, que em algumas situações não havia aula por falta de professores e que por isso a instituição que estudava orientava os alunos a fazer uma cópia de alguma música e traduzir sendo essa a maneira de preencher a ausência do professor de língua inglesa e avaliar os alunos. Em segundo lugar o espanto da aluna que morava em Salvador sentiu, quando precisou mudar-se para o Rio de Janeiro. Ela descreve que nesse Estado sua professora de inglês falava, por exemplo, de falsos cognatos e que isso era algo que ela desconhecia totalmente, que a professora proporcionava texto em língua inglesa e por isso ficou espantada, mostrando-nos a diferença entre a educação que é oferecida em diferentes estados e regiões brasileiras. Em seguida, o tempo que a aluna levou para conseguir ingressar no ensino superior e a dificuldade que sentiu durante toda sua jornada acadêmica.

Acreditamos que as diferenças culturais, sociais, econômicas e regionais contribuíram para que esse percurso tenha se tornado mais conflituoso e mais prolongado. Todas essas questões também ficam marcadas no Relato Autobiográfico da aluna

(Apêndice A) que faz uma descrição das suas memórias escolares. Tal relato foi produzido em uma disciplina anterior, em 2018 (atividade proposta por sua futura professora-orientadora do estágio supervisionado V e do presente TCC).

Na próxima seção, trataremos da geração do *corpus* da nossa pesquisa.

3.4 Geração de dados

Nosso *corpus* foi concebido, como já dito, durante os três estágios supervisionados da professora estagiária durante o cumprimento da disciplina de estágio V, VI e VII entre os anos de 2019 e 2022, sendo nesta ordem: em 2019 no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, em 2022 na Escola Cidadã Dom José Maria Pires e em 2022 no Centro de Línguas Estrangeiras (CELEST).

Apresentaremos brevemente o contexto de produção dos relatórios a seguir.

Relatório do Estágio V - ICPAC, 2019

O primeiro Relatório que utilizamos foi o produzido na disciplina de estágio supervisionado V Regência no Estágio uma Experiência no Instituto dos Cegos da Paraíba (Apêndice: B).

A professora estagiária realizou suas observações durante as terças-feiras das 15 às 17h no período entre junho e setembro de 2019. No último dia do estágio supervisionado a discente/professora realizou uma Regência que foi feita em dupla e avaliada pela professora/ regente e professora da disciplina de estágio. Para finalizar a disciplina, a discente apresentou um Relatório de Estágio contando suas experiências durante suas observações na Instituição. Este relatório tem o título Regência no Estágio: uma experiência no Instituto dos Cegos da Paraíba que contém um total de 16 páginas, distribuídas em 5 capítulos sendo: Introdução, características da escola, perfil do professor regente, caracterização da aula e leitura crítica da experiência de estágio (fundamentação teórica, análise da prática de ensino e considerações finais). Somam -se a esses capítulos as referências e o apêndice que expõe o plano de aula.

Relatório do Estágio VI - ECIT Dom José Maria Pires, 2022

Nosso segundo relatório intitulado Reflexões no Estágio Supervisionado VI (Apêndice C), foi produzido durante a disciplina de Estágio Supervisionado VI. Que se deu no início no mês de fevereiro de 2022 no modelo remoto, pois ainda estávamos

enfrentando a Pandemia de Covid 19, que no Brasil levou mais tempo para ser controlada devido ao presidente em exercício atrasar a compra de vacinas, e por diversas vezes propagar *fake news* duvidando da ciência que colocava nas vacinas a grande esperança para o controle deste terrível vírus que ceifou a vida de milhares de brasileiros. Nesse clima de medo, dúvida e insegurança tentava-se dentro do possível seguir o percurso exigido para o cumprimento da disciplina.

No Estágio VI, a discente foi orientada pela professora da disciplina a cursar o estágio no ECIT Don José Maria Pires. Em princípio, as observações foram feitas remotamente utilizando a plataforma do Google Meet e, em seguida, mudou para o formato presencial com uma turma do segundo ano do ensino médio, sendo as aulas nas terças-feiras às 9:30h. Ao passo que as observações aconteciam, as aulas da disciplina de Estágio Supervisionado também eram cursadas. Nas aulas, leituras referentes a estágios eram propostas e uma troca de experiências acontecia entre os discentes e a docente da disciplina.

Ao final das observações, a discente fez a sua regência que foi observada pelo professor-regente e filmada para ser avaliada pela docente da disciplina, e, como pré-requisito para concluir a disciplina, a discente apresentou seu relatório de Estágio. Este relatório contém 21 páginas, divididas em 6 capítulos, sendo: Introdução, caracterização da escola, perfil do professor, caracterização da aula, reflexões sobre o estágio supervisionado no ensino médio e regência. Somado aos capítulos temos sumário, referências e os anexos.

Relatório do Estágio VII – CELEST, 2022

Por fim, nosso terceiro relatório (Apêndice D) foi produzido no Estágio VII, como dito anteriormente, faz parte do conjunto de sete estágios obrigatórios e é o terceiro estágio Supervisionado. O que diferencia o estágio VII dos demais é que ele é realizado em uma escola de idiomas, no nosso caso, no Centro de Línguas Estrangeiras (CELEST).

Como nos estágios supervisionados anteriores, esta escola-campo foi escolhida entre as demais instituições oferecidas pela Universidade. No entanto, as observações foram realizadas no mesmo dia e no mesmo horário em que as aulas da disciplina de estágio supervisionado VII eram ministradas e, por essa razão, não foi possível a aluna frequentar todas as aulas e para que isso não afetasse a discente foi estabelecido uma comunicação via WhatsApp entre docente/discente.

As observações foram realizadas todas as segundas-feiras das 19 às 21:30 no período de março até maio de 2022 presencialmente. Apesar de ainda estarmos vivendo um período de insegurança e dúvida por causa da Covid 19, algumas instituições voltaram ao formato presencial com número reduzido de alunos e adotando as medidas de segurança como uso de máscaras e uso de álcool em gel a 70%.

Assim como nos outros estágios, a discente precisou apresentar sua regência no seu último dia de observação sendo avaliada pelo professor/regente e o docente da disciplina de Estágio Supervisionado VII. Para concluir a disciplina, apresentou um relatório de estágio exprimindo suas impressões e experiências durante todo o Estágio. O relatório deste estágio foi intitulado como “Reflexões e Experimentações nas Observações do Estágio Supervisionado VII”, que contém 18 páginas e 6 capítulos: Introdução, caracterização da escola, perfil do professor regente, caracterização da aula, reflexões do estágio VII no CELEST e a regência. Além do Sumário, das referências e dos anexos.

A próxima seção tratará dos procedimentos adotados para analisar nosso *corpus*.

3.5 Procedimentos de análise

Primeiramente, como um exercício inicial, fizemos uma leitura minuciosa dos três relatórios. Em seguida, direcionamos nossa leitura no sentido de encontrar pistas que nos apontassem para os elementos constitutivos do trabalho (cf. Amigues, 2004), a saber, ferramentas, coletivos, prescrições e regras de ofício, para assim seguirmos em busca de identificar o trabalho real.

Posteriormente, foi feito um recorte separando, literalmente, do relatório os elementos constitutivos encontrados. Tendo separado os elementos constitutivos do trabalho pudemos nos desligar/distanciar psicologicamente do texto, já que a pesquisadora deste TCC também produziu os relatórios. Sendo assim, a partir daí focamos em fazer a análise dos elementos constitutivos do trabalho.

Quando não estávamos mais conseguindo extrair nenhuma informação nova, resolvemos imprimir todo o material e passamos das telas para o impresso, saímos da digitação para a escrita à mão e, a partir daí, o trabalho voltou a fluir. Percebemos então o quanto foi importante a escrita para o desenvolvimento do trabalho.

Na nossa segunda etapa, separamos 86 recortes (Anexo 01) das falas/escritas da estagiária que continham indicações das ferramentas, dos coletivos, das regras de ofício e das prescrições. Desse montante, fizemos uma seleção e decidimos utilizar 15 excertos

(Anexo 02), por entendermos que são significantes para nossa pesquisa. Posteriormente, também procuramos os impedimentos para, a partir deles, entender como a professora estagiária reagiu diante deles e se foi possível ressignificar sua prática e quais estratégias utilizou para seu refazer.

Seguiremos para o próximo capítulo, discutindo os resultados e a análise.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E ANÁLISE

A fim de dialogarmos com nosso objetivo geral, a saber, analisar o trabalho real representado em três relatórios de estágio supervisionado desenvolvidos por uma licencianda no âmbito do curso de Letras-Inglês da UFPB, neste capítulo, apresentaremos nossos resultados e análise. Inicialmente apresentaremos os elementos constitutivos identificados e, na seção posterior, discutiremos especificamente os elementos que julgamos importantes, representados em quinze (15) trechos selecionados.

4.1 Resultados

Como já mencionado, inicialmente separamos 86 recortes das falas/escritas da professora estagiária (Anexo 1) que continham indicações das ferramentas, dos coletivos, das regras de ofício e das prescrições. Vejamos no quadro abaixo como ficaram organizados:

<i>Ferramentas</i>	<i>Prescrições</i>	<i>Coletivos</i>	<i>Regras do ofício</i>
Objetos esportivos: Bola com guizo ³ Tapper ⁴ Medalhas	Materiais didáticos Plano de Aula Leitura Escrita Tempo Alunos cegos	Estagiárias Professores de Língua Inglesa Alunas do Estágio Supervisionado V	Olhar para todos os alunos Toque como comunicação/interação
Áudios Filme Google Meet (Plataforma digital) Jogo Livro Música Notebook Quadro Slide Vídeos Zoom (Plataforma digital)			

Quadro 2: Elementos constitutivos do trabalho nos relatórios de estágio

³ É uma bola adaptada com guizos no seu interior. O som produzido pelos guizos serve para orientar a pessoa com deficiência a localizar a bola.

⁴ É um bastão com uma esponja na ponta. Durante uma competição de natação, os auxiliares dos atletas com deficiência visual dão toques com o tapper para indicar que estão se aproximando da borda da piscina.

A seguir, a partir dos 86 trechos iniciais, identificamos os elementos constitutivos em quinze trechos selecionados (Anexo 02). Neste recorte verificamos os seguintes elementos constitutivos:

REGRAS DO OFÍCIO	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Olhar para todos eles</i> • <i>Alunos participativos</i>
COLETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Professora(a) regente</i> • <i>Estagiárias.</i>
FERRAMENTAS	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Áudios</i> • <i>Objetos esportivos</i> • <i>Bola com guizo</i> • <i>Tapper</i> • <i>Medalhas</i> • <i>Música</i>
PRESCRIÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Tempo</i> • <i>Plano de aula</i> • <i>Alunos cegos</i>

Quadro 3: Elementos constitutivos do trabalho em 15 trechos selecionados

Vale esclarecer que, nos quinze trechos escolhidos, foram encontrados elementos que se repetem ao longo das falas da professora estagiária.

Na próxima seção, problematizaremos os elementos constitutivos no quadro acima, a fim de compreendermos o trabalho real representado nos relatórios da professora estagiária. A discussão está organizada na seguinte ordem: regras de ofício (4 trechos), coletivos (4 trechos), ferramentas (4 trechos) e prescrições (3 trechos), totalizando quinze (15) trechos.

4.2 Análise

Nas quatro seções a seguir, discutiremos os quinze trechos selecionados nos nossos relatórios produzidos durante a licenciatura, refletindo sobre o trabalho real e os impedimentos.

4.2.1 Regras do Ofício

Nesta subseção, discutiremos as regras do ofício que emergem em quatro trechos e poderemos observar que a ideia que a professora estagiária tinha a respeito de questionamentos sobre o ser professor tinha relação direta com a memória que guardava de seus professores do ensino regular, fato que possivelmente lhe causou um estranhamento. Vejamos:

Trecho 1 – relatório ICPAC, 2019

*Durante as análises da aula com a professora regente pude notar que a **maneira como ela trazia os conteúdos** das aulas era totalmente diferente da forma com que meus antigos professores nos ensinavam médio e fundamental traziam. Uma abordagem comunicativa e prática que convidava sempre os alunos a participarem do processo de aprendizagem e não serem simplesmente espectadores de uma aula.*

Trecho 2 – relatório ICPAC, 2019

*Quando fui atuar...**voltei ao modelo dos meus antigos professores** do ensino médio e fundamental.*

Levando isso em conta, isto é, a partir da sua percepção sobre ser professor, possivelmente a professora estagiária estaria embasando o seu próprio atuar. Porém, o contato com a professora regente, suas interações durante os meses de estágio, causaram uma modificação sobre a sua percepção de como seria a postura do professor e seu atuar em sala de aula, como vemos no seguinte excerto:

Trecho 3 – relatório ICPAC, 2019

***A posição de professor centralizador** me incomoda, então tentei trabalhar para tirar esse posicionamento da minha prática.*

Nos fragmentos acima, percebemos que agir, atuar, se tornar professor foi construído a partir da observação dos gestos da professora regente que possibilitou uma mudança de percepção do que seria a postura do professor em sala de aula. Como aponta Amigues (2004, p. 43), a regra do ofício pode transformar os modos de fazer e agir. Neste caso, o incômodo, a inquietação foi um efeito da vivência com a professora na escola-campo de estágio.

A seguir, vejamos outro excerto que deixa evidenciado o trabalho real do professor.

Trecho 4 – relatório CELEST, 2022

*No dia da Regência muitos alunos **faltaram** e os que estavam presentes resolveram **sentar todos na mesma fila**, isso me deixou um pouco desconfortável porque **não pude olhar para todos eles e me direcionei na maioria das vezes ao aluno que estava mais próximo a mim**.*

No excerto 4 notamos que a professora considera que no seu ato de ensinar deve direcionar seus olhares, ou seja, sua atenção para todos os alunos. Porém, ficou frustrada ao perceber que durante sua regência todos os alunos sentaram em uma mesma fileira o que parece ser algo incomum para a professora estagiária e esse imprevisto faz com que ela não fique atenta a todos os alunos o que lhe deixa desconfortável. O que a professora havia planejado, no entanto, não deixa de estar presente no seu trabalho ainda que seja pela sua insatisfação de não poder cumprir.

Seguiremos para o elemento constitutivo - coletivos.

4.2.2 Coletivos

Quando estão atuando, às vezes os professores podem trabalhar coletivamente, inclusive para poder atender às prescrições que lhes são impostas. Em algumas situações em que há necessidade de expor determinado conteúdo e sem o tempo suficiente para cumprir, o professor pode reorganizar as suas prescrições colaborativamente como podemos ler no excerto a seguir:

Trecho 5 – relatório ECIT, 2022

*Como o texto era bem curto, **quando elaborei o plano** havia pensado em utilizar a biografia de Machado de Assis, **mas o professor... me orientou a não o fazer**. Achei melhor ouvi-lo. O que foi uma ótima decisão porque realmente **não daria tempo para trabalharmos os outros pontos do plano de aula**.*

Percebemos aqui que, apesar das prescrições, que são impostas, o trabalho do professor é dotado de autonomia, e quando organizados em coletivos podem modificar essas demandas que lhes são impostas. Assim, aperfeiçoam seu atuar e aprendem uns com os outros, como no caso da interação com o professor regente no trecho anterior, bem como nos próximos três trechos.

Trecho 6 – relatório ECIT, 2022

*Achei que não fui assertiva, mas no final da Regência o **professor...** me disse que **achou interessante** essa outra maneira de explicar o mesmo assunto... **que não tinha pensado por essa perspectiva.***

Trecho 7 – relatório ICPAC, 2019

*O primeiro **plano de aula** que **elaboramos juntamente com a professora regente** foi com o conteúdo do verbo **play, go e do.***

Trecho 8 – relatório ICPAC, 2019

*Todos os alunos participaram, interagiram uns com os outros, com **a professora regente** e as **estagiárias.***

Entendemos que os coletivos possibilitam ao professor a partir do enxergar o trabalho do outro avaliar o seu próprio atuar e assim tem a possibilidade de repensá-lo e até mesmo reconfigurar o seu fazer. Nos excertos destacados, podemos notar como o coletivo foi capaz de proporcionar novos fazeres e significados que puderam ser proveitosos tanto para o professor regente, como para as professoras estagiárias.

A seguir, trataremos das Ferramentas, um dos elementos constitutivos do trabalho apontados por Amigues (2004).

4.2.3 Ferramentas

Procurando quais elementos constitutivos emergem nos relatórios da professora estagiária, no caminho percorrido para a realização do seu trabalho ao longo de três estágios, encontramos no nosso *corpus* alguns excertos que nos sinalizavam para a utilização de ferramentas. Acreditamos que o trabalho do professor se transforma e se desenvolve de acordo com o contexto em que o professor irá atuar, como podemos ver nos dois excertos abaixo:

Trecho 9 – relatório ICPAC, 2019

*Como material para dar suporte às aulas utilizamos em nossas tarefas **áudios e objetos esportivos.***

Trecho 10 - relatório ICPAC, 2019

*Em sala de aula utilizamos objetos que eles utilizam nos esportes que praticam...**a bola com guizo...**usamos um **tapper**, confeccionamos **medalhas** com material plástico.*

Nesses excertos, podemos notar que os áudios e os objetos esportivos, como a bola com guizo, tapper e medalhas são ferramentas que foram utilizadas no estágio no ICPAC para possibilitar que os alunos com deficiência visual tivessem acesso ao conteúdo de língua inglesa proposto pelas professoras estagiárias. Dessa forma, as tarefas eram possíveis e os conteúdos eram significativos, ou seja, com material adaptado para que as professoras estagiárias pudessem alcançar a turma, toda composta por alunos cegos.

Lançando um olhar cuidadoso sobre as ferramentas, também pudemos encontrar impedimentos que o professor enfrenta quando vai colocá-las em prática na sala de aula, como, por exemplo, no próximo excerto, quando a professora planejou uma atividade em que os alunos deveriam ouvir uma música e preencher as lacunas com verbos tirados da sua letra. No entanto, devido a fatores externos e às suas escolhas para aplicar a atividade prevista, precisou mudar a direção do planejado:

Trecho 11 – relatório ECIT, 2022

*No primeiro momento parecia que daria certo, mas logo depois da segunda estrofe os **alunos se perderam**. Então decidi **voltar tudo e ir por parte**, mas percebi que até eu mesma tinha me dispersado naquele momento. **A música era bem agitada e consequentemente os alunos foram se animando em uma proporção que pra mim já se tornou impossível controlar. Minha atenção mais uma vez se dispersou quando um dos funcionários sinalizou que estava gostando da música...** Enfim, nesse momento tive a certeza que aquela não havia sido uma boa escolha de música, por ser agitada e comprida demais.*

Como podemos verificar, a professora projetou sua atividade utilizando a ferramenta música, porém, a escolha de música se mostrou inadequada para aquela aula por ser agitada demais. Juntando-se a isso, a professora ainda sofreu influência de um funcionário fora da sala que tirou sua concentração e, após esse momento, precisou reavaliar e redirecionar a tarefa. Nota-se que, apesar de a professora estagiária ter elaborado sua tarefa, podemos perceber que não conseguiu utilizar tal como planejado, pois os alunos perderam a atenção.

Constatamos que, além de a professora estagiária se deparar com o fato de que os alunos não acompanharam a música para realização da tarefa, acontecimentos externos à sala de aula - representado na figura do profissional que gostou da música - contribuíram para objetivo da tarefa não que seu objetivo não fosse alcançado. No entanto, esse momento que levou à desconstrução da tarefa provocou uma reflexão que resultou na reconfiguração da tarefa. Isso fica evidenciado a seguir:

Trecho 12- relatório ECIT, 2022

*...acredito que deveria ter feito uma escolha de música com **uma letra menor e mais tranquila**. Porém, o adequar da tarefa foi positivo: Fizemos a primeira parte, corrigimos...*

Assim, ao direcionarmos o nosso olhar para as ferramentas que a professora estagiária utilizou para concretizar seu plano de aula, foi possível vislumbrar quais movimentações, quais esforços foram demandados fora e dentro da sala de aula, as influências que os atores internos (os alunos) e externos (funcionário) exerceram sobre o agir do professor e como esta profissional, sofrendo todas essas influências, foi capaz de sair do fracasso do seu planejamento até a renovação do seu plano para que seus objetivos fossem alcançados.

Adiante mostraremos o elemento constitutivo - prescrições.

4.2.4 Prescrições

Analisar o trabalho do professor a partir das prescrições nos permite encontrar, perceber e entender alguns dos meios que o professor percorre para realização das suas tarefas. Vejamos o excerto abaixo para identificá-los a partir da fala da estagiária:

Trecho 13 - relatório ECIT, 2022

*No dia da regência saí de casa com duas **horas de antecedência** para evitar contratempos. No entanto, num dia de chuva para quem utiliza transporte público em João Pessoa isso é impossível. Fiquei bastante **triste, desapontada, nervosa**, um misto de sentimentos e pensamentos tomavam minha cabeça naquele momento.*

Nesse fragmento, podemos observar que, para realizar sua aula, a professora estagiária se antecipou para que chegasse a tempo de cumprir o que havia planejado. No entanto, fatores externos, como as fortes chuvas e o atraso do transporte/trânsito lhe deixaram emocionalmente abalada e houve a necessidade de readaptar toda a sua atuação, pois já não teria tempo o suficiente para fazer o que foi programado em seu plano de aula. Como podemos verificar no próximo excerto (já mencionado como trecho 5, por também se referir ao coletivo):

Trecho 14- relatório ECIT, 2022

Quando elaborei o plano havia pensado em utilizar a biografia de Machado de Assis, mas o professor...me orientou a não o fazer. Achei melhor ouvi-lo e continuar apenas

*com a biografia do Tom. O que foi uma ótima decisão porque realmente **não daria tempo** para trabalharmos os outros pontos do plano de aula.*

Em outras palavras, vemos o tempo como prescrição, questão sempre presente no trabalho do professor.

Por fim, no último excerto selecionado, como podemos ver abaixo, notamos o perfil discente no Instituto dos Cegos como prescrição, isto é, a cegueira direcionando à adaptação de materiais o trabalho docente:

Trecho 15- relatório ICPAC 2019

*Como nosso trabalho era com alunos com **deficiência visual**, tivemos o cuidado em trazer para a aula materiais que pudessem facilitar o aprendizado através do tato e da audição.*

Em suma, como pudemos constatar nos excertos analisados, os impedimentos surgem durante o atuar da professora estagiária e através da influência que eles vão ter sobre a atuação da professora e de como os alunos vão significá-los possivelmente surgirá um novo agir. Assim, olhando para o trabalho realizado, para os elementos constitutivos do trabalho e observando os excertos que são as falas da professora estagiária, podemos discernir alguns impedimentos que emergiram nos relatórios, sinalizando para seu trabalho real.

Neste capítulo, apontamos elementos constitutivos em quinze trechos extraídos de três relatórios de estágio, dando visibilidade a alguns impedimentos e encaminhamentos nas regências de estágio presentes nos textos. No capítulo final, a seguir, retomaremos as perguntas de pesquisa e apresentaremos nossas reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui nosso objetivo geral desta pesquisa, a saber, analisar o trabalho real representado em três relatórios de estágio supervisionado desenvolvidos por uma licencianda no âmbito do curso de Letras-Inglês-UFPB. Consideramos que atingimos nosso objetivo geral e, concluindo nosso trabalho de pesquisa, a seguir responderemos nossas perguntas de pesquisa e, por fim, discorreremos sobre nossas reflexões.

1. Que elementos constitutivos emergem nos relatórios?

Investigando o trabalho da professora estagiária relatado em quinze fragmentos selecionados dos relatórios, encontramos os quatro elementos constitutivos do trabalho: regras de ofício, coletivos, ferramentas e prescrições, por exemplo: olhar para todos os alunos e alunos participativos (regras do ofício), professores regentes e estagiários (coletivos), áudios/objetos esportivos/bola de guizo/tapper/medalhas/música (ferramentas), tempo e perfil discente/cegueira (prescrição). Podemos afirmar que, como mais marcante, o que nos chamou atenção quando analisamos cada elemento isoladamente foi perceber que eles apontam para as muitas “forças” que perpassam o trabalho do professor.

2. De que maneira o trabalho real é representado nos relatórios?

Foi possível acessar o trabalho real da professora estagiária investigando o trabalho submerso, invisível, representado nos seus três relatórios de estágio. Por exemplo, observando as prescrições, tivemos acesso a impedimentos tais como o tempo, o plano de aula, as ferramentas, assim pudemos vislumbrar o trabalho realizado e o trabalho real; pudemos identificar os motivos pelos quais suas ações foram impedidas de serem cumpridas tal como projetou, se de fato abandonou a prescrição ou se de acordo com os movimentos e acontecimentos externos precisou readaptá-los, reorganizá-los ou refazê-los. Tivemos acesso às intenções e transformações profissionais que durante os três estágios foram moldando a própria estagiária.

Assim sendo, como a estagiária também é a pesquisadora, notamos a importância da pesquisa para que as transformações necessárias no processo de educar aconteçam, para que o desenvolvimento da professora aconteça, e que ela própria consiga reconstruir sua prática, por meio da análise do seu trabalho, em diálogo com o aporte teórico.

Para tanto, a fim de identificarmos o trabalho real, foi importante analisar o trabalho da estagiária investigando os elementos constitutivos do trabalho. Encontrando as prescrições, por exemplo, que nos levaram a entender se as atividades foram realizadas da maneira como foram planejadas, ou quando não cumpridas, pudemos ter acesso aos porquês e entendermos como foram superadas ou não. Tais revelações nos indicam o trabalho real representado nos relatórios da professora estagiária.

A estagiária já vislumbrava como seria sua conduta como profissional da educação, baseando-se no posicionamento centralizador que era seu espelhamento e memória de seus professores do ensino regular. Porém, quando passa a estagiar e observar novas formas de agir da professora regente que, em suas palavras em um relatório (Apêndice B), tem “uma abordagem comunicativa que convidava sempre os alunos a participarem do processo de aprendizagem e não serem simplesmente expectadores de uma aula”, a estagiária menciona um estranhamento que lhe faz repensar e reconduzir a sua própria percepção e identidade como professora.

Esse novo posicionamento aparece amadurecido quando a estagiária menciona, por exemplo, que, no dia da sua regência, muitos alunos faltaram e os que foram para sua aula sentaram-se todos em uma única fila o que lhe deixou desconfortável porque durante toda a aula dirigiu-se apenas para um dos alunos. A estagiária não conseguiu fazer com que todos os alunos presentes participassem e contribuíssem com a aula, ou seja, a partir do impedimento de não poder olhar, dar atenção para todos os alunos, que a partir da sua percepção anterior de professora, baseada nos seus professores, poderia ser visto como algo absolutamente normal - agora após interação com a professora regente lhe pareceu como algo negativo, demonstrando assim que a estagiária mudou a sua percepção de como deve ser e agir como professora.

Essa nova perspectiva adotada pela estagiária durante seu período de estágio, tendo contato com o ambiente escolar, nos leva a pensar no quanto os coletivos de trabalho são importantes para o desenvolvimento social e profissional dos indivíduos.

Assim como quando a estagiária menciona que elaborou seu plano de aula com duas biografias e logo o professor regente lhe orientou a escolher trabalhar apenas com uma, podemos perceber que a estagiária acata o conselho do professor regente. Não trabalhar as duas biografias e em seguida diz que foi ótimo ter seguido as orientações do professor regente, pois em decorrência da falta de tempo, não conseguiria concluir tudo o que havia planejado devido aos acontecimentos externos.

Da mesma maneira, quando o professor regente lhe parabeniza por sua “maneira de explicar o mesmo assunto...que não tinha pensado por essa perspectiva”, (Apêndice C), mais uma vez fica claro como a interação entre os diversos atores do processo de ensino-aprendizagem produz novos fazeres, novos aprendizados.

A professora estagiária menciona em um dos excertos que havia planejado uma tarefa usando música como suporte para que os alunos preenchessem os espaços com verbos retirados dela. Porém, em algum momento percebeu que os alunos não estavam acompanhando, que eles estavam “se animando”. A estagiária também menciona que fatores externos lhe tiraram a concentração. Nesse momento, percebeu que a música que havia escolhido era agitada e que isso deixara os alunos desatentos e precisou redirecionar a tarefa. Percebemos que, apesar de iniciar a tarefa, a professora estagiária não conseguiu realizá-la da maneira que projetou. No entanto, só pudemos ter a percepção dos impedimentos a partir do nosso olhar direcionado para a ferramenta e para os seus relatos. Dessa forma, foi possível termos a dimensão dos processos mentais e físicos que a estagiária precisou utilizar para finalizar a tarefa.

Como também quando a estagiária se programa para sair de casa antecipadamente para poder cumprir sua prescrição de chegar no horário para ministrar sua aula, e por falta de transporte e trânsito na cidade de João Pessoa, não consegue chegar no horário planejado para ministrar sua aula. A estagiária aponta que, por essa razão, ficou estressada, desapontada, ou seja, emocionalmente abalada. Foi necessário ministrar sua aula sob todas estas emoções, o que provavelmente de alguma maneira interferiram no seu agir.

Observando os exemplos acima, podemos perceber a importância de analisarmos o trabalho real do professor estagiário, em especial, quando analisa seu próprio agir em contato com outros profissionais e alunos, aí podendo transformar-se. O aporte das Ciências do Trabalho e da Ergonomia Francesa nos mobilizou a olharmos para o trabalho real representado em relatórios de estágio, possibilitando a identificação do trabalho real, assim como na imagem do *iceberg*.

Outra perspectiva que tivemos ao realizarmos esta pesquisa é a de que ao pensarmos e discutirmos o trabalho real do professor, podemos direcionar esse debate para diversos segmentos da sociedade. Podemos esclarecer, por exemplo, sobre o quanto o trabalho do professor compreende-se muito além do horário que passa nas instituições, com a intenção de garantir salários adequados e uma carga horária que não leve à mecanização do trabalho do professor.

Para concluir, realizar esta pesquisa possibilitou a análise do nosso trabalho como professora estagiária a partir de um olhar distanciado e nos possibilitou compreender que nem sempre o que o professor não consegue cumprir em relação ao trabalho planejado é ligado à falta de conhecimento ou inexperiência. Existem diversos fatores que concorrem com o trabalho do professor e este, sob pressão de suas prescrições, precisa fazer escolhas que melhor se adéquem ao ambiente da sala de aula e ao contexto em que está inserido, envolvendo discentes, colegas, a instituição e a sociedade. Tais questões nos marcaram ao longo da leitura do nosso referencial e foram fazendo sentido ao longo da nossa análise, fortalecendo nossa voz de professora de língua inglesa.

REFERÊNCIAS

AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, Anna Rachel (Org.). **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: EDUEL, 2004, p.35-53.

ARAÚJO, Adriana. **Estágio supervisionado e PIBID na licenciatura em Letras Inglês: Vozes entrelaçadas coconstruindo o trabalho e a identidade docente sob a ótica do Interacionismo Sociodiscursivo**. Tese de doutorado, PROLING, UFPB, 2021.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LOUSADA, Eliane Gouvea. Os pequenos grandes impedimentos da ação do professor: entre tentativas e decepções. In: MACHADO, Anna Rachel (Org.). **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: EDUEL, 2004, p. 271-296.

MACHADO, Anna Rachel (Org.). **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: EDUEL, 2004

MEDRADO, Betânia P. Tornando-se professor: a compreensão de graduandos em Letras sobre a atividade educacional. In: Carla L. Reichmann e Betânia P. Medrado (Orgs.). **Projetos e práticas na formação de professores de língua inglesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/105/17/428-1> Acesso em 21 de maio de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUZA, M. **Curso de Graduação em Letras: Projeto Pedagógico de Curso – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 24 fev. 2023**. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ccl/contents/documentos%20antigos/ppc_letras_2006.pdf

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. O ensino como trabalho. In: MACHADO, A. Rachel (Org.). **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: EDUEL, 2004, p.81-104.

PINHEIRO, Francisco Pablo Huascar Aragão; COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da; MELO, Pamella Beserra de; AQUINO, Cassio Adriano Braz de. **Clínica da Atividade: conceitos e fundamentos teóricos**. *Arq. Bras. Psicol.* [online]. 2016, vol.68, n.3, pp. 110-124.

Sites consultados:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672016000300009

<https://icpac.com.br> (Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha).

https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/coronavirus/arquivos/NotaInformativaN18SES_GEVSem14denov_embrode2022..pdf

<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/consultas/vigilancia-em-saude-1/covid-19>

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/11/bolsonaro-volta-a-defender-desobrigacao-de-mascara-para-vacinados-mas-diz-que-decisao-sera-de-governadores.ghtml>

APÊNDICES

APÊNDICE A– Relato Autobiográfico

Universidade Federal da Paraíba
 Professora: Carla Reichmann
 Aluna: Viviane Andrade



Relato Autobiográfico

Relato Autobiográfico

Até pouco tempo pensava que minhas memórias referentes à minha vida pessoal e as atividades escolares eram impecáveis, até mesmo porque algumas lembranças como a de quando eu aprendi a ler estavam fresquinhas na minha cabeça. Até me deparar com a tarefa de escrever tais memórias. Percebi então que tinha apenas flashes e ao buscar minha memória escolar relacionada a língua inglesa me deparei com algumas coisas das quais nem lembrava mais, tais como: a música, o filme, a banda e o amigo que me influenciaram a buscar conhecimento por uma língua desconhecida e morar em outro país.

Contarei esses detalhes:

Comecei a despertar interesse pela língua Inglesa pelo fato de assistir repetidas vezes os filmes que passavam na TV aberta nos 80. Era muito forte nesses filmes a presença do personagem patriota que expunha no alto da sua casa ou na sua roupa a bandeira norte americana. Após o filme sempre havia uma espécie de série e em seguida as novelas nacionais que na trilha sonora também prestigiavam a cultura de países que falam a língua inglesa. Hoje penso que era como algo proposital, uma espécie de lavagem cerebral, pois quando não estava na escola ou brincando na rua estava diante da TV assistindo aos filmes, seriados e depois novela...

Dessa forma quando me deparei com um filme chamado “Curtindo a Vida Adoidado”(que em uma das suas cenas traz um rapaz dançando empolgado a música Twist dos Beatles). Então eu pergunto, existiria uma possibilidade de não despertar o interesse em descobrir o que dizia a letra? O que aqueles personagens realmente estavam falando, pois eu percebia que muitas vezes o personagem calava e a dublagem continuava. Isso me incomodava!

Uma outra lembrança que resgatei foi de um dia que eu já adolescente fui até a casa de um amigo e ouvi uma música que muito embora eu não entendesse a letra a melodia me chamou muito a atenção. Então perguntei quem cantava e meu amigo descreveu a banda e me deu a fita(década de 80, sabe como é...) então fui para casa e lá ouvi várias vezes a música Ode To My Family. Pelo meu pouco conhecimento da língua(nenhum), sabia que existia a palavra família na letra da música, então ouvia fazendo inferências a partir da melodia(coisa de gente doida mesmo). Sabia que se

tratava de algo referente a relacionamento de pais e filhos, ou pelo menos era aquilo que eu queria.

Por essas influências eu sentia um desejo enorme em morar nos EUA, acreditava que lá seria o melhor lugar para o meu desenvolvimento pessoal e profissional e por muitos anos cultivei esse desejo.

Bom, esses fatores me despertaram o interesse pela língua inglesa. Porém daqui por diante vou contar minha trajetória escolar relacionada ao idioma.

Trajetoária Escolar

No antigo primeiro grau, cursei até a quarta série em escola particular. Até minha memória permite lembrar, eu tinha um acompanhamento educacional e um bom ensino. Era uma garota que adora estudar, na verdade eu queria dar orgulho pra minha mãe e meu avô. Embora bem criança já entendia que eles ficavam felizes quando eu mostrava meu boletim com as notas todas azuis.

Quando cheguei na quarta série tive que ir para uma instituição chamada CNEC, que era localizado num bairro que eu não gostava e ouvia muitas pessoas dizerem que o ensino de lá não era muito bom. Mas não tive escolha! Cheguei ao primeiro dia de aula na minha nova sala, me assustei com a turma. Todos bem mais velhos que eu e as meninas falavam coisas das quais eu não tinha a mínima ideia.

Os assuntos que a professora passava eu já conhecia todos. Então eu respondia rápido às tarefas, respondia a tudo que a professora perguntava em sala. Foi então que percebi que estava ficando chato e por isso parei de interagir. Resultado: Eu sentia uma angústia do começo ao fim das aulas.

Dessa forma foi todo o ano, porém quando passei para a quinta série, me senti motivada porque soube que teríamos aulas de inglês. Nessa época a influência dos filmes e cultura de países falantes de língua inglesa eram bem presentes na minha vida. Então foi a isso que me agarrei para ter ânimo e começar uma nova série.

A quinta série chegou, a professora de inglês também, eu fiquei muito feliz. Começamos as aulas aprendendo as saudações em inglês, o verbo to be e algumas palavras soltas. Assim foi durante todo o ano letivo. Gostei porque imaginava que no ano seguinte seriam outros conteúdos como numa progressão, até conseguir entender meus filmes e falar em inglês, certo? Não!

Mais um ano letivo, agora sexta série. Ano novo, porém conteúdo velho e assim foi durante todo o antigo primeiro grau.

Cheguei ao Ensino Médio sem a noção básica do inglês. Não sabia formular uma frase sequer em inglês. Ainda não conseguia entender uma música ou ver um filme sem legenda em português. Isso me revoltou por muito tempo e eu criei uma aversão a músicas em inglês, desenvolvi um ódio pela cultura Norte Americana que até então não tinha pensado no porque disso. Só agora escrevendo essas memórias me dei conta de que a falha na educação que eu tive em língua inglesa me fez adquirir uma aversão ao idioma.

Seguindo para o Ensino Médio não tive aulas de língua inglesa no primeiro e segundo ano, mas em meu histórico consta notas regulares da disciplina nesses anos. Essas notas eram atribuídas a trabalhos que poderiam ser: copiar a letra de uma música em inglês. Os alunos entregavam esses trabalhos a um professor de outra disciplina e assim adquiriam a nota da disciplina Língua Inglesa.

Quando fui para o terceiro ano do ensino médio, eu e minha família tivemos que ir morar no Rio de Janeiro por motivos de trabalho. Chegando lá fui matriculada em uma escola Estadual. No meu primeiro dia de aula me senti terrivelmente ignorante, a professora falava de falso cognato e todos os meus colegas compreendiam o que ela estava falando e eu não tinha a mínima ideia. Eles compreendiam textos longos e eu

ficava maravilhada com isso e ao mesmo tempo irritada por não ter estudado ali durante toda a minha vida.

Concluí o terceiro ano com a ajuda de colegas na disciplina de inglês. Uma realidade que não posso deixar de contar.

Após concluir o ensino médio passei a trabalhar no comércio e assim foi durante um longo período da minha vida. Prestei vestibular para UERJ, UFF, porém só passei na primeira chamada. Com isso o tempo foi passando e eu seguia a vida apenas trabalhando.

Minha família precisou voltar para o Nordeste, chegando a João Pessoa fiquei desempregada por um longo tempo, então resolvi pegar o dinheiro que havia juntado e entrei num cursinho de inglês. Nesse curso os alunos eram todos adolescentes e também tinham um nível básico que para o meu entender era muito superior ao meu básico, visto que o meu básico era apenas a conjugação do verbo to be. Então não acompanhei a turma e resolvi abandonar o curso.

Passaram-se mais alguns anos e consegui ingressar na UFPB, qual curso? Letras Inglês.

Ao chegar à Universidade o primeiro contato que tive com o professor de língua inglesa foi desastroso. Eu imaginava que por ser um curso superior e de licenciatura iríamos aprender inglês do começo. Porém não foi bem assim. Consegui passar do inglês básico I no primeiro período, quando cheguei no Básico II no segundo período me desesperei. Tranquei o curso. Fiz isso por diversas vezes por não me sentir capaz de acompanhar a turma e por ter vergonha de já ter uma idade elevada e não dominar o básico do inglês. Um fator que não me fazia progredir também era a falta de tempo. Nesse período que entrei na Universidade já estava trabalhando, então não tinha tempo para me dedicar ao curso como deveria e queria.

Hoje ao conseguir ingressar no setor Público passei a ter um tempo maior para me dedicar aos estudos. Então voltei para a Universidade, pois agora tenho mais tempo e as preocupações que tinha durante o período que trabalhei no serviço privado diminuíram. Agora tenho mais tempo, mais condições para me locomover até a Universidade, dentre outras coisas...

Com isso, acredito que apesar de todas as voltas que a minha vida deu eu quis voltar a cursar inglês mais por ou como uma questão de pagar uma espécie de dívida comigo. Hoje não domino o idioma, mas me desprendi das amarras e dificuldades que fui exposta no sistema educacional e resolvi aprender inglês por conta própria.

Faço cursos on-line nas plataformas do My English e em aplicativos, vejo vídeos em canais do youtube que tem me ajudado bastante. Com essas fontes eu alcancei um nível no qual consigo me comunicar em língua inglesa. Porém não sou fluente. Vamos dizer que estou num básico querendo ir para o intermediário.

Estas são as memórias relacionadas à língua inglesa que me vieram a mente nesses dias.

APÊNDICE B – Relatório de Estágio Supervisionado V

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

Viviane Pereira de Andrade

Regência no Estágio uma Experiência no Instituto dos Cegos da Paraíba

**João Pessoa
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

VIVIANE ANDRADE

**Regência no Estágio uma Experiência no
Instituto dos Cegos da Paraíba**

Este Relatório de Estágio foi elaborado com o objetivo de aprovação na disciplina de Estágio Supervisionado V, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas na Universidade Federal da Paraíba. Disciplina que foi ministrada pela professora Carla Lynn Reichmann

**João Pessoa
2019**

1. INTRODUÇÃO

O meu estágio supervisionado V foi realizado no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha-ICPAC, no período de junho até setembro de 2019. Este Instituto é da esfera estadual e foi fundado em 15 de novembro de 1944 pela senhora Adalgisa Cunha e desde então oferece serviços como alfabetização em braille, atendimento educacional especializado, atendimento médico e psicológico, etc.

Neste estágio havia participação de mais três alunas/estagiárias de língua inglesa, tendo como regente a professora Rosycléa Dantas com suas turmas de fundamental II e ensino médio.

O primeiro plano de aula que elaboramos juntamente com a professora regente foi com o conteúdo do verbo play, go e do. Fizemos isso por observarmos o interesse dos alunos pelo esporte. Após termos ministrado a aula observamos que o conteúdo havia sido compreendido pelos alunos, pois elaboramos uma tarefa de intervenção que consistia em os alunos seguirem em dupla para fazer uma entrevista com o objetivo de saber qual tipo de esportes as pessoas ali praticavam. Utilizando as WH questions e os verbos aprendidos. A intervenção dos estagiários deveria ser mínima possível. Essa tarefa foi extremamente importante para os alunos, pois observamos o seu desempenho e tivemos a possibilidade de solucionar algumas lacunas em seus aprendizados. A tarefa foi muito importante porque além de estarem utilizando a língua na prática forjou nos alunos um interesse maior nas aulas. Para mim acompanhar os alunos nessa tarefa foi muito importante porque nesse momento me senti responsável efetivamente pelo aprendizado deles.

2. CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA

O Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha está localizado em um local acessível com relação a meios de transportes, porém durante minhas idas até a instituição pude observar alguns aspectos nas ruas próximas que não possibilitam uma locomoção segura para os alunos da instituição. Como por exemplo, ruas com calçadas quebradas, o que me fez presenciar um usuário se desequilibrar durante o acesso a uma dessas ruas.

Ao entrarmos no Instituto esses problemas estruturais são minimizados, porém ouvimos alguns relatos de alunos que sentem a falta de salas identificadas com a escrita em braille e que algumas modificações como a colocação de corrimão no acesso à piscina era algo novo por lá.

No Instituto os usuários encontram diversos serviços como apoio educacional especializado, serviço social com orientação e atendimento familiar, atendimento médico clínico, oftalmológico e de enfermagem. Podem contar também com atividades como alfabetização em braille, atendimento educacional especializado, educação física e desporto, dentre outros.

Como citado acima, o instituto não é uma escola e sim um local de apoio, integração e reintegração para pessoas que nascem com a deficiência visual, desenvolvem ao longo da vida ou têm baixa visão. Por esse motivo torna-se um espaço de convivência que tem um clima de clube, escola, academia, enfim, para muitos um segundo lar.

Dentro desse contexto tive a oportunidade de acompanhar turmas de ensino fundamental e médio com uma média de oito alunos/turma nas terças-feiras das 13 às 17h no período de julho a setembro de 2019. Alguns alunos estavam no processo de perda de visão, outros eram deficientes de nascença, outros tinham baixa visão. Alguns deles além da deficiência visual tinham deficiência intelectual e autismo. Muitos dos alunos/usuários do Instituto são envolvidos em atividades desportivas, são atletas e muitos deles tem experiências vitoriosas em campeonatos no Goalball. Um esporte praticado unicamente por deficientes visuais ou pessoas com baixa visão utilizando uma venda.

Pensando nesse entrosamento da maioria dos alunos com este esporte, nos dispomos a conhecer o time de goalball do instituto, conhecemos as dependências ligadas aos esportes em geral para a partir desse contexto elaborarmos nosso primeiro plano de aula. Tivemos contato com

o treinador do time de goalball que nos mostrou como o jogo funcionava e descobrimos que os comandos da partida eram fornecidos na língua inglesa como: Step over, pass out, baal over, silence please...

O tema a ser trabalhado foi discutido pela professora regente e as quatro estagiárias, eu, Thaise, Priscila e Ana. Escolhemos o esporte para a partir dele trabalharmos as wh questions, dentro da perspectiva dos esportes problematizarmos as questões de valorização pessoal, financeira e de gênero, espírito esportivo, sentimentos de vitória e perdas, assim como fair play.

Como nosso trabalho era com alunos com deficiência visual, tivemos cuidado em trazer para as aulas materiais que pudessem facilitar o aprendizado a partir do tato e da audição. Uma tarefa que me fez pensar na dificuldade de um professor da rede regular de ensino que muitas vezes tem mais de trinta alunos em uma turma. Me causou um medo pois no Instituto todos tinham uma deficiência em comum, o tempo que tínhamos era pouco mesmo com uma turma de no máximo oito alunos ainda assim tivemos dificuldade em fazer um balanço do tempo de aprendizado de cada um, para que todos acompanhassem o ritmo da aula. Como seria então em uma turma com mais alunos?

Como material para dar suporte às aulas utilizamos em nossas tarefas áudios e objetos esportivos. Nos trabalhos de casa os alunos receberam via whatssap sons característicos de jogos para que pudessem identificá-los. Em sala de aula utilizamos objetos que eles utilizam nos esportes que praticam no Instituto. Para fazer referência ao goalball a bola com guizo, para trazermos a piscina e a natação usamos o tapper(bastão utilizado para indicar que o nadador está próximo à borda da piscina). Confeccionamos algumas medalhas com material plastificados e com escrita em braille ouro, prata e bronze em inglês para incluirmos mais vocabulário ao uso diário dos alunos competidores.

Todos os alunos participaram, interagiram uns com os outros, com a professora regente e as estagiárias. Em todas as turmas que acompanhei os alunos eram assíduos e pontuais. É claro que há exceções e dias em que um ou outro atrasa ou que falta, mas nada que indicasse um desinteresse do aluno.

3. PERFIL DO PROFESSOR REGENTE

Nome completo: Rosycléa Dantas

Idade: 30 anos

Formação/Cursos: Graduação: Letras-Inglês. Especialização: Linguagem e Ensino e Educação Especial Inclusiva. Mestrado: Linguística Aplicada. Doutorado: Linguística Aplicada.

Tempo de formação: Desde 2010.

Intercâmbio: Não.

Atuação em outras instituições: Atuei em escolas particulares: educação infantil, ensino fundamental e cursos de idiomas; escolas públicas: ensino fundamental; e universidades públicas: professora substituta.

Tempo de ensino: Desde 2010.

Atuação no ICPAC: Desde 2012 (sempre como voluntária).

Turmas/Aulas: 4 turmas/aulas semanais – todas as terças [tarde].

Como é sua relação com a instituição (ICPAC)? Essa instituição é o lócus das minhas experiências mais profundas com a inclusão de pessoas com deficiência. Respeito e gratidão infindáveis por esse lugar.

Como é sua relação com a coordenação da instituição (ICPAC)? Muito harmônica. Eles apoiam todo o trabalho realizado com os alunos e buscam, sempre, fazer o que podem para solucionar desafios.

O que te motivou a escolher ser professora? Se arrepende da escolha? Quando eu entrei na graduação eu não pretendia ser professora, queria ser tradutora, mas no meio do percurso foi mudando, principalmente depois das aulas de Betânia e do PIBIC. Eu acho Betânia um exemplo de profissional realizado, ela dava aula com tanta alegria, amor pelo que estava fazendo, que aquilo

nos afetava de maneira muito positiva, eu queria trabalhar em algo que também me permitisse aquela alegria e daí fui gostando da ideia de Ser Professora. Quando entrei no projeto PIBIC com a professora Betânia Medrado, sobre o ensino de inglês para pessoas com deficiência visual, eu me encontrei como professora. Não me arrependo da escolha, poderia até dizer que ela me escolheu! Sou muito feliz, realizada como professora! Não há nada mais encantador que estar com meus alunos, acho que transbordo de felicidade enquanto dou aula!

Como veio o interesse pelo ensino de inglês para alunos com deficiência visual?

Tudo começou em 2009, por meio de um projeto PIBIC coordenado pela professora Betânia Medrado, que mencionei na questão anterior. Nas ações do projeto, além das leituras e discussões teóricas, acompanhei dois alunos com DV na escola regular durante um ano e fiz um curso na FUNAD de capacitação para trabalhar com pessoas com deficiência visual. Outro desdobramento dessa experiência foi nossa entrada no ICPAC (minha e de Betânia), nós começamos a lecionar no ICPAC no início de 2012 e continuamos até hoje. Tudo isso foi absolutamente novo pra mim. Na minha época de graduanda não se falava em inclusão de pessoas com deficiência, eu fui conhecer isso por meio do projeto PIBIC. Foi algo maravilhoso, quanto mais eu conhecia, mais eu queria conhecer, foi amor nas primeiras leituras kkkkkk Eu me encontrei enquanto profissional ali.

Encontrou alguma grande dificuldade no início da profissão? Se sim, como superou-a ou pretende superar?

Alguma? Muuuuitas!!!! Todo início é um pouco difícil, a gente acaba tendo algumas inseguranças. Minha primeira experiência de ensino foi péssima. Eu saí da escola chorando, dizendo que não iria mais ser professora. Peguei uma turma, “aquele dita pior”, um sexto ano... era a primeira aula da minha vida, era durante o estágio, o professor supervisor da escola estava hospitalizado, nós estagiários assumimos as turmas... quando cheguei para dar aula os alunos estavam todos fora de sala, foram 3 pessoas para colocar eles para dentro, o porteiro, a professora de português e a diretora... quando eles entraram a diretora tentou me apresentar, mas eles não deixaram, muito barulho... a diretora mandou uma aluna calar a boca: “Se você não calar a boca agora eu quebro todos os seus dentes” (Jamais esqueço esse dia), e a menina respondeu “Pois venha!”... Eu queria sair correndo dali, me peguei com todos os santos e energias do universo, acho que minha cara era de pavor/medo, meu corpo estava gelado... os três saíram da sala e eu fiquei com os alunos... eles mal me olhavam, estavam muito ocupados conversando entre eles, eu coloquei os conteúdos que iríamos trabalhar durante o estágio no quadro e a aula acabou, imagine que ela durou bem pouco tempo, pois perdemos muito tempo até que eles sentassem na sala e ouvissem a diretora... mas juro que foi a aula mais demorada da minha vida, eu pedia mentalmente, melhor, implorava aos céus para que ela acabasse, até que acabou. Eu peguei minhas coisas e saí, quando cruzei o portão de saída da escola, desabei em lágrimas. Quanta dor, quanto sofrimento aquela experiência, eu pedia a Deus em soluços para me levar pra casa e nunca mais voltar (choro agora só de lembrar). Mas eu voltei, pois eu havia assumido a responsabilidade de ministrar as aulas para eles, não podia simplesmente desistir, mudar de escola, os alunos seriam afetados e eu era responsável. Na próxima aula eu já consegui lidar melhor com eles e as coisas foram funcionando, eles me aceitaram, a gente se divertia na aula. Também comecei a ter outras experiências positivas de docência em outra escola e hoje não me imagino não sendo professora!

Como você vê a relação aluno X professor em sala de aula?

Fundamental! Em todos os contextos escolares os laços de aprendizagem se firmam nas interações estabelecidas.

Até que ponto você tem autonomia para decidir o conteúdo e metodologia?

No caso do ICPAC tenho total autonomia.

Você considera o inglês uma disciplina valorizada no seu contexto escolar?

Não sei se valorizada... Pensando aqui hheheh ... Acho que depende do entendimento de valor. Acho que é meio termo para uns e valorizada para outros... e por mim super valorizada!

O que você nunca faria enquanto professora?

Deixar de assumir a responsabilidade que tenho para com os alunos.

Diminuir meus alunos no processo de aprendizagem. Acho que ensinar-aprender é processo, é erro, é acerto. Tento nunca deixar meu aluno com a sensação de que ele não é capaz. Claro que às vezes não temos como controlar isso, mas procuro realizar ações que entendo que não o diminuem.

Quais são as principais diferenças entre ensinar inglês para alunos cegos e alunos que enxergam?

O tempo de realização das atividades é outro – com os alunos videntes acaba sendo mais rápido.

Existe uma escassez de material didático em braille, o que não acontece no caso dos alunos videntes.

Os materiais de ensino de línguas são bem visuais, então é necessária adaptação.

A relação, até de contato físico mesmo, acaba sendo mais estreitada com alunos com deficiência visual. É preciso tocar, chegar mais perto.

4. CARACTERIZAÇÃO DA AULA

Nas aulas de inglês nas turmas de ensino médio e fundamental no Instituto dos Cegos da Paraíba com a professora regente Rosycléa, observei muito respeito e comprometimento da profissional com os alunos e com os estagiários. A abordagem da professora em sala era sempre comunicativa, levando o aluno a chegar ao conhecimento pelas suas próprias vivências ou experiência de mundo. Percebi adaptações nas comunicações como toque ajustado a fala e ao tom de voz. Os alunos por sua vez respondiam a todas essas adaptações sem a meu ver perceberem que se tratava de uma adaptação e eu acredito que isso lhes dava um certo tipo de independência no aprendizado. As aulas eram trabalhadas sempre de uma maneira que integrasse o conteúdo ao contexto de vida dos alunos, como a exemplo as aulas com o tema esporte. A retomada das aulas também me chamaram atenção, pois percebia que muitas vezes uma dúvida que surgia pós aula era esclarecida justamente naquela retomada, nos dando assim a certeza do aprendizado.

5. LEITURA CRÍTICA DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

. Fundamentação Teórica

Durante todo o estágio procuramos elaborar nossos planos de aula baseados nos contextos vividos pelos alunos no ICPAC. Fazendo com que os alunos não fossem apenas expectadores da disciplina e sim protagonistas, fazendo parte de todo o processo de aprendizagem. Como defende Machado, fazermos da aprendizagem um processo reflexivo.

. Análise da Prática de Ensino e considerações finais:

O estágio supervisionado V foi um momento único na minha vida. A princípio eu faria numa escola regular de ensino fundamental, porém pensei que seria um grande desafio trabalhar com alunos que possuíam deficiência visual. Por esse motivo me estimei a estagiar no ICPAC. Seria aquela experiência um marco para decisão se deveria continuar a estudar para a profissão ou desistir dela.

Apesar de estar num curso de língua inglesa ainda não tenho domínio do idioma o que me deixou imensamente travada nos planejamentos de aula e nas participações junto aos outros estagiários e professora regente. Durante o estágio fui percebendo que tinha conhecimento suficiente para ministrar aquelas aulas mas não conseguia me colocar com propriedade e quando tentava errava até no que eu já havia programado em compartilhar com os alunos. Em alguns momentos pensei em desistir, mas não me entreguei a esse desânimo.

Durante as análises da aula com a professora regente pude notar que a maneira como ela trazia os conteúdos das aulas era totalmente diferente da forma com que meus antigos professores nos ensinavam no ensino médio e fundamental traziam. Uma abordagem comunicativa e prática que convidava sempre os alunos a participarem do processo de aprendizado e não serem simplesmente expectadores de uma aula. Quando fui atuar (nas minhas poucas participações por causa da insegurança) tentei ao máximo colocar o modelo de aula da professora regente em prática, no entanto pelo medo e receio das perguntas e até mesmo das respostas improvisadas dos alunos voltei

ao modelo dos meus antigos professores do ensino médio e fundamental. A posição de professor centralizador me incomoda , então tentei trabalhar para retirar esse posicionamento da minha prática.

Quando chegamos nas duas últimas aulas tive a sensação que poderia ter feito tantas coisas diferentes e melhores, porém para mim o aprendizado transformou o medo que existia no início do estágio em desafio para continuar na profissão.

Referências:

CECILIA, Maria. O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva. Londrina. Eduel, 2004.

Apêndice:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO V

Profa. Carla Lynn Reichmann

Discentes: Anna Maria, Thayse Dias, Priscilla Thuany e Viviane Pereira

PLANO DE AULA

Local: Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha			
Turma: Fundamental II	Data: 10/09/19	Duração: 45 min	Nº de alunos: aproximadamente 6
<p>✓ Objetivo Geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ampliar vocabulário em língua inglesa relacionado a lugares comumente encontrados em espaços urbanos, com foco nos mais frequentados pelas/pelos estudantes do Instituto, a partir de discussões sobre acessibilidade e mobilidade urbana. <p>✓ Objetivos Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer e compreender vocabulário em língua inglesa relacionado a lugares comumente encontrados em espaços urbanos; ▪ Praticar perguntas e respostas sobre os locais mais visitados pela turma em João Pessoa; ▪ Discutir acessibilidade e mobilidade urbana para pessoas com deficiência visual na cidade de João Pessoa. ▪ 			
ETAPA	TEMPO	INTERAÇÃO	PROCEDIMENTO
Warm-up	5 min	P – ES	Professoras perguntam aos alunos quais lugares eles costumam frequentar em João Pessoa (<i>What places do you go to?</i>) elicitando respostas em inglês e ensinando-as quando necessário.
Introducing	20 min	P – ES	Professoras apresentam alguns objetos que representam lugares frequentados

	Vocabulary			pelos alunos em João Pessoa (Ex.: livro para representar a escola, caixa de remédio para representar o hospital ou a farmácia, etc.). A partir de estudo prévio de tracks de áudio enviadas pela professora regente dias antes da aula, espera-se que os alunos façam as associações entre objetos e lugares e respondam os lugares representados em língua inglesa, mas o vocabulário será apresentado e exercitado mediante a necessidade. Serão trabalhados 8 lugares: <i>school/institute, church, bus station, airport, supermarket, bakery, pharmacy e beach.</i>
	Vocabulary and Grammar Practice	10 min	P – ES ES – ES	Após a apresentação do vocabulário, as professoras modelam um diálogo entre si para exemplificar a forma padrão de perguntar e responder sobre os lugares: (Ex.: <i>Do you go to the beach? Yes, I do. Do you go to the airport? No, I don't</i>). Então, as professoras devem pedir que os alunos façam essas perguntas entre si, em pares, usando a estrutura ensinada. Para avaliar a aquisição do vocabulário, sons relacionados aos lugares serão apresentados a fim de que os alunos associem a palavra correta e, em seguida, utilize a palavra em sua frase (Ex.: ao ouvir o som do mar, o aluno deve perguntar ao colega a pergunta: <i>Do you go to the beach?</i>). Professoras devem monitorar os diferentes pares e auxiliar quando necessário.
	Wrap-up: debate	10 min	P – ES ES – ES	Professoras perguntam ao grupo sobre os lugares apresentados a seguinte pergunta: <i>Are they accessible?</i> Por exemplo: <i>Is the church accessible? Is the school accessible? Why / why not?</i> Finalmente, as professoras devem fazer a provocação: <i>How can we make it accessible? Do you have any ideas?</i> Para finalizar, as professoras devem pedir que os alunos pesquisem para a

			<p>aula seguinte ideias de como tornar os diversos espaços mais acessíveis, a fim de que possam discutir tais estratégias na aula seguinte.</p>
<p>MATERIAL: celular, caixas de som, arquivos de áudio, livros em braile, cesta de compras, caixa de remédio, estetoscópio, protetor solar, pão francês, avião de brinquedo, crucifixo.</p>			
<p>REFERÊNCIAS:</p> <p>Public Beach Ambience (Background Sound Effect)</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=9fArBnJJfzs</p> <p>Airport Ambience Sound Effects</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=8trgESN1Eks</p> <p>Bus Station Sound Effect BUS STATION SFX HD</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=IQMKy91dFW0</p> <p>Sound bells of Church - Sound effect</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=iMd6DzMxXiY</p>			

. Anexos:

THREE DAYS TO SEE - By Helen Keller

What would you look at if you had just three days of sight? Helen Keller, blind and deaf from infancy, gives her answer in this remarkable essay.

I have often thought it would be a blessing if each human being were stricken blind and deaf for a few days at some time during his early adult life. Darkness would make him more appreciative of sight, silence would teach him the joys of sound.

Now and then I have tested my seeing friends to discover what they see. Recently I asked a friend, who had just returned from a long walk in the woods, what she had observed. “Nothing in particular,” she replied.

How was it possible, I asked myself, to walk for an hour through the woods and see nothing

worthy of note? I who cannot see find hundreds of things to interest me through mere touch. **I feel the delicate symmetry of a leaf.** I pass my hands lovingly about the **smooth skin of a silver birch**, or the rough, shaggy bark of a pine. In spring I touch the branches of trees hopefully in search of a bud, the first sign of awakening Nature after the winter's sleep. Occasionally, if I am very fortunate, I place my hand gently on a small tree and **feel the happy quiver of a bird in full song.**

At time my heart cries out with longing to see all these things. If I can get so much pleasure from mere touch, how much more beauty must be revealed by sight. And I have imagined what I should most like to see if I were given the use of my eyes, say for just three days.

On the first day, I should want to see the people whose kindness and companionship have made my life worth living. I do not know what it is to **see into the heart of a friend through that "window of the soul,"** the eye. I can only "see" through my fingertips the outline of a face. I can detect laughter, sorrow, and many other obvious emotions. I know my friends from **the feel of their faces.**

For instance, can you describe accurately the faces of five different friends? As an experiment, I have questioned husbands about the colour of their wives' eyes, and often they express embarrassed confusion and admit that they do not know.

I should like to see the books which have been read to me, and which have revealed to me the deepest channels of human life. In the afternoon I should take a long walk in the woods and **intoxicate my eyes on the beauties of the world of Nature.** And I should pray for the glory of a colourful sunset. That night, I should not be able to sleep.

On my second day, I should like to see the pageant of man's progress, and I should go to the museums. I should try to probe into the soul of man through his **art.** The things I knew through touch I should now see. The evening of my second day I should spend at a theatre or at the movies.

The following morning, I should again greet the dawn, anxious to discover new delights, new revelations of beauty. Today this third day, I shall spend in the workaday world, amid the haunts of men going about the business of life.

At midnight permanent night would close on me again. Only when darkness had again descended upon me should I realize how much I had left unseen.

I am sure that if you faced the fate of blindness you would use your eyes as never before. Everything you saw will become dear to you. Your eyes will touch and embrace every object that came within your range of vision. Then, at least, you would really see, and a new world of beauty would open itself before you.

I who am blind can give one hint to those who see: **Use your eyes as if tomorrow you would be stricken blind.** And the same method can be applied to the other senses. Hear the music of voices, the song of a bird, the mighty strains of an orchestra, as if you would be stricken deaf tomorrow. Touch each object as if tomorrow your tactile sense would fail. Smell the perfume of flowers, taste with relish each morsel, as if tomorrow you could never smell and taste again. **Make the most of every sense;** glory in all the facets of pleasure and beauty, which the world reveals to you through the several means of contact which nature provides. But of all the senses, I am sure that sight must be the most delightful.

APÊNDICE C – Relatório de Estágio Supervisionado VI

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

VIVIANE PEREIRA DE ANDRADE
REFLEXÕES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO VI

JOÃO PESSOA
2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

VIVIANE PEREIRA DE ANDRADE

Relatório de Estágio do Curso de Licenciatura
em Língua Inglesa da UFPB – Campus I.
Apresentado como trabalho final e pré-requisito
para aprovação na disciplina de Estágio
Supervisionado VI, ministrado pela professora:
Dra. Carla Lynn Reichmann.

João Pessoa
2022

SUMÁRIO

1. Introdução.....	04
2. Caracterização da Escola.....	05
3. Perfil do Professor Regente.....	06
4. Caracterização da Aula.....	07
5. Reflexões Sobre o Estágio Supervisionado no Ensino Médio.....	09
6. Regência.....	12
7. Referências.....	17
8. Anexos.....	18

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório consiste em apresentar minha trajetória durante as observações no ECIT Don José Maria Pires na disciplina de Estágio Supervisionado VI do curso de Letras com Licenciatura em Língua Inglesa da Universidade Federal da Paraíba. Durante o curso o discente fará um total de sete estágios, sendo os quatro primeiros teóricos e os três últimos destinados aos Ensino Fundamental, Ensino Médio e Escola de Idiomas.

As disciplinas de estágio são de grande relevância, pois a partir delas os alunos e futuros professores começam a ter contato com os ambientes que atuarão ao completarem suas graduações. O conhecimento das leis e diretrizes da profissão nos primeiros estágios e o contato com Escolas regulares e Cursos de Idiomas dão aos graduandos o moldar propriamente dito de ser professor.

Neste relatório mostraremos minhas perspectivas em relação ao ambiente da Instituição escolhida para realização do estágio, minhas opiniões com relação ao posicionamento e aula do professor colaborador, meus sentimentos acerca do relacionamento professor-aluno. Todas as minhas memórias e trajetória do momento em que foi definido uma escola e professor para realizar o Estágio até o momento da Regência.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

As minhas observações e Regência da disciplina de Estágio Supervisionado VI da Universidade Federal da Paraíba foram realizadas na Escola Cidadã Dom José Maria Pires, localizada na comunidade Padre Ibiapina no bairro das Indústrias município de João Pessoa-Pb. A Escola foi fundada em 18 de março de 1994 como escola regular tornando-se uma Escola Cidadã Integral Técnica em 2022. A Instituição tem como objetivo preparar os alunos para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

A primeira impressão que senti ao chegar à Escola é de que estava em um ambiente aconchegante e bem conservado. Ao adentrar os portões da Instituição constatei esse sentimento e logo observei que apesar de aconchegante era um espaço muito pequeno em um formato de H, sem quadra esportiva e com um refeitório aberto com aparência de algo improvisado.

A cozinha do refeitório é bem simples, porém, bem organizada com esforço das pessoas que ali trabalham. A Escola possui uma biblioteca, mas não tive acesso. A sala dos professores é pequena, não tem muita estrutura. Não possui ar-condicionado então as portas ficam abertas e todo o ruído de fora se junta à conversa dos professores. O mesmo ocorre com as salas de aula, são todas abertas, a ventilação não é boa e mais adiante veremos o quanto isso afetou em algum momento a minha Regência.

A Escola Dom José Maria Pires claramente necessita de algumas mudanças no que diz respeito a estrutura física do ambiente. Até porque a Escola como um todo é um espaço onde os alunos passam boa parte de sua vida, então a estrutura do espaço precisa ser repensada tanto no que diz respeito às salas de aula, quanto nos espaços de convivência que são lugares que eles também constroem conhecimento social, interativo, etc.

3. PERFIL DO PROFESSOR

Ao saber que existia uma aluna que ainda estava sem uma escola e um professor/colaborador para fazer suas observações durante o estágio VI, o professor Edson Viana prontamente aceitou o desafio de emprestar sua sala de aula e suas turmas como laboratório de observação. Meu primeiro contato com o professor foi muito positivo, pois ao ver sua foto pelo WhatsApp lembrei que já o conhecia e que em algum momento da vida acadêmica participamos da mesma turma.

O professor Edson é graduado em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal da Paraíba, atua no ensino de língua estrangeira em Escolas Públicas da Paraíba desde 2004. Com mais de 10 anos de experiência na docência e um carisma muito grande com seus alunos o que fica bastante claro quando observamos a sua desenvoltura em sala de aula (O professor Edson é muito querido pelos alunos). O Professor Edson também ministra as disciplinas de Projeto de Vida e Estudo Orientado além de ser Coordenador de Estágio no ECIT Dom José Maria Pires.

O professor Edson Viana também escreve novelas e contos publicados em plataformas digitais, faz leituras e pesquisas sobre mitologia em geral, em 2021 deixou sua contribuição para a educação com seu trabalho de conclusão de curso: 'Um estudo sobre o trabalho do professor de Língua Inglesa em Tempos de Ensino Remoto nas Escolas Estaduais da Paraíba'. Atualmente aperfeiçoa seu projeto que envolve religião e migração o qual pretende explorar melhor quando chegar ao seu mestrado em Ciência das Religiões. Em uma de nossas conversas informais o professor relatou que apesar da distância da escola e da sobrecarga de funções que exerce sente prazer e sentido de dever cumprido quando acompanha seus alunos serem aprovados nos exames que lhes dão passaporte para o ingresso na Universidade Pública e conseqüentemente uma nova visão e perspectiva de vida.

4. CARACTERIZAÇÃO DA AULA

As aulas observadas no Estágio Supervisionado VI foram ministradas pelo professor Edson Viana. Essas aulas em princípio foram oferecidas no modelo remoto via Google Meet em seguida passando para o formato presencial. As aulas eram iniciadas com o professor trazendo para a turma a ideia principal do texto que iriam trabalhar no dia. Depois de fazer a contextualização o professor pedia para que cada aluno fizesse a leitura de um parágrafo do texto e os demais acompanhavam.

Quando existia uma dúvida com relação a pronúncia o professor acompanhava lendo junto com o aluno. Achei interessante a leitura acompanhada porque percebi que os alunos se sentem menos nervosos e mais confiantes. O fato de o professor esperar o aluno terminar a sua parte da leitura e fazer a correção da pronúncia no final é muito positivo, pois faz com que o aluno tenha tempo para pensar na sua primeira pronúncia, após a correção o próprio aluno compara a sua pronúncia com a do professor, assim, constrói seu conhecimento da língua sem ver seu erro ser enfatizado. Logo depois da leitura o professor fazia perguntas sobre o texto para saber se os alunos realmente tinham entendido todo o contexto. Nesse momento da aula a maioria dos alunos interagem opinando a favor ou contra um posicionamento ou a ideia principal do texto.

Com muita maestria o professor conseguia dar espaço para quem queria falar, acalmava os ânimos e dava seu feedback com relação ao ponto de vista de cada aluno individualmente. Este ponto da interação professor e aluno também me chamou bastante atenção porque percebia que os alunos demonstravam interesse quando o professor parava

para escutar suas opiniões.

Para além do texto trabalhado o professor trazia uma reflexão para a vida prática daquela comunidade, achei muito interessante esse olhar, pois, o professor carrega em si o dever de proporcionar novos horizontes e perspectivas de vida para os alunos. Depois desse momento de entender o texto o professor trazia um exercício para os alunos onde alguns se empenhavam em responder e outros não.

Nesse momento o professor dividia a turma em grupos e com muita dificuldade passava entre eles orientando e direcionando-os. Muito embora essas caminhadas ao redor da sala fossem difíceis pela quantidade de alunos. Certa vez, observei que o professor passava imprensado entre uma carteira e outra, até que sua roupa ficou presa a uma das carteiras. O professor discretamente voltou e desenganchou sua roupa, voltando para a frente da sala suado e desconsertado.

Observei também que o professor gostava de levar músicas para praticar as habilidades de Listening. Percebi o engajamento de todos os alunos no momento em que o professor trazia a música. Da mesma forma que fazia com os textos, quando o professor trazia uma música os alunos ouviam e em seguida o professor aplicava exercícios. Depois eram feitas as correções e o professor começava a introduzir a parte gramatical da aula.

Observei que os alunos respondiam prontamente as perguntas que o professor fazia sobre gramática. Acredito que isso se dava porque a gramática já vinha sendo trabalhada intuitivamente durante todos os textos e nas músicas. As aulas com uma abordagem sociointeracionista sempre eram acompanhadas por esses textos e músicas com assuntos sempre atuais que o professor contextualizava e trazia exemplos que poderiam ser aplicados na realidade daquela comunidade. O que chamava a atenção dos alunos por entender que estão inseridos num mundo que eles sofrem influência, mas que também podem através do conhecimento influenciá-lo e modificá-lo. Pude inferir então que a abordagem utilizada pelo professor é a sociointeracionista de Vygotsky. Visto que: “Para o teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação (RABELLO e PASSOS, 2018, p. 04).

5. REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO

Irei discorrer sobre minhas reflexões durante o estágio supervisionado VI no ECIT Dom José Maria Pires, logo em seguida farei uma análise crítica sobre minha Regência. Falarei sobre o que foi planejado, o que deu certo, o que não deu, o que poderia ser diferente, etc. Para isso, observaremos Clot, quando diz que: “O gênero profissional se fundamenta em uma memória coletiva da atividade, em um falar sobre o trabalho docente, podendo definir-se como o conjunto de atividades mobilizadas por uma situação, convocadas por ela”. Clot 2007 O estágio supervisionado é uma disciplina de extrema importância por fazer com que os graduandos tenham contato com situações reais de sua futura profissão.

O Estágio Supervisionado VI começou com muitas incertezas. Uma delas foi a dificuldade em encontrar uma escola e um professor que pudesse abrir sua sala de aula para que eu realizasse o estágio na cidade onde moro. Então, resolvi seguir a orientação da professora da disciplina que sugeriu uma escola no bairro das Indústrias em João Pessoa. Então, contatei o professor da instituição e demos início ao Estágio. Meu primeiro contato

com o professor Edson Viana foi por meio do WhatsApp. Logo percebemos que já nos conhecíamos e isso tornou esse primeiro momento do estágio mais tranquilo.

Percebi uma felicidade da parte dele acredito que por estar podendo contribuir com essa etapa tão importante para a formação de professores. Edson me tratou a todo momento como professora Viviane e me senti dessa forma durante todo o tempo que estive atuando como estagiária. Diferente de como me senti no Estágio Supervisionado V onde ouvir a professora/colaboradora me chamar de professora me causava um certo estranhamento.

Outra dificuldade foi que iniciamos com aulas remotas por causa da Pandemia de COVID-19. No entanto, conforme aumentavam os números de vacinados as medidas de contenção da doença como o isolamento foram sendo afrouxadas e houve um retorno das aulas para o modelo presencial. Preciso destacar que essas irregularidades no sentido de saber como seriam as aulas, se remotas, presenciais ou híbridas, se conseguiria conciliar as aulas com o meu trabalho... Isso afetou de certa forma o meu planejamento da disciplina, pois era um terreno muito instável.

Quando mesmo diante de todos esses percalços consegui com ajuda do professor Edson Viana estipular um dia, hora e um planejamento dentro do possível para começar minhas observações, fui a campo.

O primeiro dia de observação foi com uma aula remota via Google Meet, eu estava muito ansiosa para conhecer a turma do segundo ano, porque o professor já havia dito que a turma era muito participativa e que os alunos eram bem engajados na disciplina. Quando entrei no link da aula conheci os alunos e tive a mesma percepção que o professor havia relatado, os alunos foram muito receptivos. Além disso, o que me chamou atenção foi quando Edson me apresentou como professora. Isso me fez adotar uma postura, até o tom de voz diferente, não de aluna, mas de professora.

O primeiro contato foi tão impactante que descrevi em minhas anotações como: Primeiro dia foi muito, muito maravilhoso! Durante a aula observei com detalhe o desempenho do professor, como ele conversava e tinha a atenção dos alunos mesmo de forma virtual. Gostei da forma que Edson conduziu a aula, propondo um texto, em seguida apresentando um vídeo com o mesmo tema. O tema foi algo muito comentado em todo o mundo: O tapa que o ator Will Smith deu no apresentador do Oscar 2022.

Este tema proporcionou um diálogo acalorado com os alunos. Foi interessante observar como o professor conduzia as divergências, pedindo para que os alunos sempre levassem em consideração o respeito pelo outro. Questionando os pontos de vista dos alunos e fazendo-os refletir sobre suas respostas. Esses diálogos eram feitos em língua portuguesa. Isto porque a proposta da escola é enfatizar a leitura e a escrita em língua inglesa com o objetivo de preparar os alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM.

Como dito antes, as aulas começaram remotamente e logo mudamos para o formato presencial. Então os próximos relatos serão a partir da minha primeira visita à Escola. Quando cheguei à ECIT Don José Maria Pires o professor Edson me recebeu com muita atenção e carinho. O professor me mostrou as dependências da Instituição. Pude observar que a escola é organizada e limpa. Porém, estruturalmente precisa de algumas melhorias como por exemplo a reforma dos tetos de algumas salas de aula, pois quando chove as aulas precisam ser interrompidas porque a água encharca toda a sala. Em seguida o professor me apresentou aos outros professores, ao pessoal de apoio e enfim aos alunos.

Nas observações presenciais algumas coisas me chamaram atenção. Como por exemplo a quantidade de alunos e a falta de ventilação nas salas. Por esse motivo as janelas

precisavam ficar abertas. Houve uma das aulas em que o professor só conseguiu se fazer ouvir quando pediu para que os alunos se juntassem em grupos. Neste dia foi necessário juntar duas turmas por causa de problemas estruturais. Com tudo, o professor conseguiu seguir seu plano de aula com muita desenvoltura.

Nas suas aulas o professor Edson Viana sempre trazia um texto para ser trabalhado. Fazia uma leitura acompanhada com os alunos. A partir disso já fazia correções, orientações e tirava dúvidas. Em seguida o professor fazia perguntas de interpretação de texto para saber se eles realmente haviam entendido a ideia principal e os objetivos do texto trabalhado.

Apesar de todas essas dificuldades me senti motivada a contribuir com aquele ambiente. Porque via no rosto de alguns alunos o desejo de aprender, de mudar sua realidade a partir do conhecimento. Uma das alunas me perguntou se eu era professora da Universidade. Eu disse que era aluna, então ela disse que queria muito estudar na Universidade. Então falei que ela deveria continuar estudando e se esforçando que conseguiria chegar até a Universidade. Fiquei emocionada com aqueles olhinhos brilhando com esperança.

6. A REGÊNCIA

Primeiramente ao pensar no dia da regência em si já me dava um nervoso absurdo. Ser avaliada pelo professor, ter a aula filmada também me deixou muito insegura porque dá para ficar observando os detalhes, os erros.... Mas acredito que praticando, vencendo o medo é que podemos vencer os obstáculos. Pensando nisso, resolvi fazer meu plano de aula sendo direcionada pelo modelo de aula do professor Edson Viana. No dia da Regência, sai de casa com duas horas de antecedência para evitar contratempos. No entanto, num dia de chuva para quem utiliza transporte público em João Pessoa isso é impossível.

Fiquei bastante triste, desapontada, nervosa, um misto de sentimento e pensamentos tomavam minha cabeça naquele momento. Entrei em contato com o professor Edson avisando que estava a caminho, mas que iria demorar, então ele me perguntou se queria deixar a Regência para outro dia. Disse que não, pois teria que negociar no meu trabalho uma outra folga e além disso já estava obstinada a fazer a Regência naquele dia. O professor Edson gentilmente falou que pediria para que os alunos me esperassem, eles por sua vez esperaram. Embora já tivessem sido dispensados por conta das fortes chuvas dos últimos dias na cidade.

Ao chegar na escola obviamente estava nervosa e estressada por causa do atraso. Encontrei o professor que imediatamente me entregou o material que eu havia pedido para que imprimisse e já me desejou boa sorte. Então, dei início a regência. Cumprimentei os alunos e agradei por eles terem me esperado. Em seguida respirei fundo e coloquei o plano de aula em prática. Distribuí o texto que havia preparado para a turma. Minha escolha foi a biografia de Tom Jobim para trabalharmos o Simple Past . A opção pela biografia de Tom Jobim foi para além de trabalhar o Simple Past, fazer com que aqueles alunos tivessem contato com um cantor/compositor que ao meu ver tem uma importância significativa para a nossa cultura. Além de levar um outro horizonte musical para aquela comunidade. Como o texto era bem curto quando elaborei o plano havia pensado em utilizar a biografia de Machado de Assis, mas o professor Edson me orientou a não o fazer. Achei melhor ouvi-lo e continuar apenas com a biografia do Tom. O que foi uma ótima decisão porque realmente não daria tempo para trabalharmos os outros pontos do Plano de Aula.

A minha intenção neste momento da aula era apresentar o texto, perguntar se os alunos conheciam o Tom, se sabiam o que ele fazia, etc. Dessa forma fiz e alguns responderam que conheciam o compositor, um deles disse que já tinha ouvido a música Garota de Ipanema. Já a maioria não o conhecia. Em seguida pedi para que três alunos fizessem a leitura da biografia e os acompanhei orientando e ajudando na pronúncia quando necessário. Então perguntei após a leitura o que eles haviam entendido sobre o Tom.

Eles foram respondendo e conforme respondiam eu perguntava em qual parte do texto eles haviam encontrado tal informação, eles então me direcionavam na leitura. Logo depois, perguntei se mais alguém além do aluno que vou chamar de A já havia escutado a música que o texto trazia. Eles disseram que não, então mostrei que eles certamente já tinham ouvido a música, embora fosse em outra versão. Apresentei nessa hora um slide com fotos de alguns cantores que haviam cantado a música garota de Ipanema. Eles interagiram e disseram que sim que já tinham ouvido na voz de Anitta e de Amy Winehouse. Expliquei então que Anitta usou a música de Tom, mas que a letra era uma versão dela. Gostei muito dessa parte, percebi que fez sentido para eles.

Depois desse momento de descontração, perguntei aos alunos: Quando nós falamos de Tom em que tempo verbal falamos? E quais palavras no texto indicavam isso. Eles responderam que eram os verbos no Passado. Dessa forma eu pedi para que eles falassem um por um os verbos que estavam no passado e pedi para que me dissessem como seria na forma que eu chamei de o verbo na forma original. Assim, eles sinalizaram todos os verbos eu os elogiei o que me rendeu alguns orgulhosos sorrisos. Então, segui para trabalhar a gramática aplicada sempre fazendo perguntas e respondendo as dúvidas deles. Apesar do tempo chuvoso a sala estava muito quente e minha garganta já estava seca. Num determinado momento os alunos de outra turma começaram a passar pelos corredores, se comunicar com os alunos da sala e isso me deixou desatenta. Eu fiquei com a atenção dividida entre a turma e os alunos lá fora.

Neste exato momento uma aluna me perguntou sobre os verbos terminados em CVC, eu não havia colocado nos slides porque imaginei que eles não iriam me questionar, mas fui preparada para o caso de surgir a pergunta. No entanto, eu fiquei sem saber o que fazer nessa hora, porque não ouvi direito a pergunta, depois cheguei mais perto para entender e aí sim fui tentar explicar. Tentei usar o quadro para melhor esclarecer, mas me deu um branco, então expliquei não de uma maneira didática, mas da forma que eu aprendi estudando sozinha. Quando a palavra terminar em CVC e esta for a sílaba tônica (era para ter usado stressed syllables), então você vai dobrar a consoante e acrescentar o ed. Aparentemente ficou claro para a aluna, embora li nos seus olhos que ela esperava uma outra explicação.

Fiquei bem triste porque achei que não fui totalmente assertiva, mas no final da Regência o professor me disse que achou interessante essa outra maneira de explicar o mesmo assunto de maneira diferente e que não tinha pensado por essa perspectiva. Falou de outros estagiários que também tinham apresentado outras formas de demonstrar o conteúdo e que isso era a identidade de cada professor. Fiquei mais tranquila depois disso.

Finalizei a parte de gramática perguntei se tinham alguma dúvida e quando disseram que não apresentei uma outra tarefa que pensei para aula. A música Who Knew; <https://youtu.be/Frb590XGGJ4> de Pink para eles ouvirem e responderem uma tarefa preenchendo os espaços em branco com os verbos no passado simples.

A ideia nesse momento era tocar a primeira parte da música e deixar que eles respondessem o exercício. No primeiro momento parecia que daria certo, mas logo depois

da segunda estrofe os alunos se perderam. Então decidi voltar tudo e ir por parte, mas percebi que até eu mesma tinha me dispersado naquele momento. A música era bem agitada e conseqüentemente os alunos foram se animando em uma proporção que pra mim já se tornou impossível controlar. Minha atenção mais uma vez se dispersou quando um dos funcionários sinalizou que estava gostando da música...Enfim, nesse momento tive a certeza que aquela não havia sido uma boa escolha de música, por ser agitada e comprida demais. Sobre isso podemos refletir que:

...embora as mudanças ocorram lentamente, elas acontecem. Descobrimo que o que não aconteceu também deve ser interpretado, pode levar professores em formação inicial a compreenderem a complexidade do gênero profissional e o fato de que toda tarefa prescrita pode ser redirecionada, redefinida ou reelaborada em cada situação de trabalho. (Medrado, 2017, p.).

Dessa forma, acredito que deveria ter feito uma escolha de música com uma letra menor e mais tranquila. Porém o adequar da tarefa foi positivo: Fizemos a primeira parte, corrigimos e então pedi para que eles fizessem a segunda parte do exercício em casa.

Assim finalizei minha regência e agradei tanto aos alunos quanto ao professor Edson pela oportunidade de acompanhá-los durante esse período. Os alunos foram saindo e escutei coisas do tipo: “Volte sempre gostei da aula!”. Fiquei bem feliz com essas palavras e quando os alunos foram embora, tive um momento de conversa com o professor Edson. Ele me deu um feedback positivo, porém fez umas análises pontuais no meu Plano de Aula. O professor também me perguntou qual era o meu ponto de vista como professora a partir daquela Regência. Então, falei que desde quando começou o Estágio VI, na verdade já no Estágio V eu havia me identificado com a profissão de professora e que o contexto que quero trabalhar é exatamente aquele, escola pública, com todos os seus problemas. Falei que não quero ser utópica, mas que gostaria de contribuir de alguma forma para a mudança na vida daqueles alunos. Porque um dia eu fui um deles.

REFERÊNCIAS

RABELLO, ET e PASSOS, J.S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. Disponível em no dia 14 de junho de 2022.

MEDRADO, B. P. Tornando-se Professor: a compreensão de graduandos em letras sobre a atividade educacional. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

APÊNDICE D – Relatório de Estágio Supervisionado VII

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS I CENTRO DE CIÊNCIAS
HUMANAS, LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
MODERNAS CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

VIVIANE PEREIRA DE ANDRADE REFLEXÕES E EXPERIMENTAÇÕES NAS
OBSERVAÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO VII

JOÃO PESSOA
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS I CENTRO DE CIÊNCIAS
HUMANAS, LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
MODERNAS CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

VIVIANE PEREIRA DE ANDRADE

Relatório de Estágio do Curso de Licenciatura
em Língua Inglesa da UFPB – Campus I.
Apresentado como trabalho final e pré-requisito
para aprovação na disciplina de Estágio
Supervisionado VII, ministrado pelo professor:
Dr. Edmilson Borborema.

JOÃO PESSOA
2022

SUMÁRIO

Introdução.....	03
Caracterização da Escola.....	04
Perfil do Professor Regente.....	06
Caracterização da Aula.....	07
Reflexões do Estágio Supervisionado VII no Celest.....	09
Regência.....	12
Referências.....	14
Anexos.....	15

INTRODUÇÃO O presente relatório consiste em apresentar minha trajetória durante as observações no Centro de Línguas de João Pessoa (Celest) na disciplina de Estágio Supervisionado VII do curso de Letras com Licenciatura em Língua Inglesa da Universidade Federal da Paraíba. Durante o curso o discente fará um total de sete estágios, sendo os quatro primeiros teóricos e os três últimos destinados aos Ensino Fundamental, Ensino Médio e Escola de Idiomas. As disciplinas de estágio são de grande relevância, pois a partir delas os alunos e futuros professores começam a ter contato com os ambientes que atuarão ao completarem suas graduações. O conhecimento das leis e diretrizes da profissão nos primeiros estágios e o contato com Escolas regulares e Cursos de Idiomas dão aos graduandos o moldar propriamente dito de ser professor. Neste relatório mostraremos minhas perspectivas em relação ao ambiente da Instituição escolhida para realização do estágio, minhas opiniões com relação ao posicionamento e aula do professor colaborador, meus sentimentos acerca do relacionamento professor-aluno. Todas as minhas memórias e trajetória do momento da inscrição da disciplina até o momento da Regência.

5 2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA As minhas observações para a disciplina de Estágio Supervisionado VII do curso de Letras/Inglês da Universidade Federal da Paraíba, deu-se início no dia 28 de março de 2022 no Centro de Línguas Estrangeiras (CELEST). Esta Instituição fica localizada na Avenida Presidente Epitácio Pessoa, 1840 no bairro dos Expedicionários em João Pessoa na Paraíba. O Centro de Línguas Estrangeiras tem como missão oferecer o ensino de línguas estrangeiras gratuitamente com qualidade e responsabilidade social. O curso é dividido em semestres e as aulas tem a duração de duas ou duas horas e meia uma vez por semana. Os interessados em ingressar na instituição precisam ficar atentos ao Edital publicado pela Secretaria Municipal de Educação (SEDEC). Ao chegar no local onde está localizada a Instituição já podemos observar um ambiente de organização. Na frente encontramos um pequeno estacionamento, um jardim e uma senhorinha muito simpáticos (autônoma) que vive da venda de doces, lances e sobremesas para os alunos e professores do CELEST. Ao entrar no estabelecimento temos contato diretamente com a recepção que nos direciona aos nossos objetivos na instituição. Os funcionários sempre com um comportamento bem respeitoso, educados e prestativos tanto com professores, alunos e estagiários. Na recepção também observamos alguns quadros com os objetivos e certificados alcançados pela instituição. (Entrada principal do (CELEST) (Certificado TOELF) Os outros ambientes da Instituição como: As salas onde acontecem as aulas, os banheiros, a sala dos professores e o local onde ficam armazenados os materiais que auxiliam nas aulas são todos bem acondicionados e organizados.

6 3. PERFIL DO PROFESSOR REGENTE Tive o professor Marcos Tadeu Pereira Nicomedes como colaborador durante essa trajetória de observação. Marcos Tadeu quando aluno participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e concluiu sua graduação em Letras língua Inglesa pela Universidade Federal da Paraíba no ano de 2019. Atualmente, além de exercer a função de professor de língua Inglesa no Centro de Línguas Estrangeiras (CELEST), está cursando a licenciatura em Língua Portuguesa na modalidade EAD pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB) Campus João Pessoa. Podemos observar durante as aulas do professor Tadeu uma abordagem comunicativa, pois seu foco é sempre no aluno e na produção que eles podem fazer em sala de aula e fora dela. Marcos Tadeu

sempre chegou primeiro que seus alunos na classe, recepciona-os perguntando como estão ou como passaram o fim de semana (Pois as aulas eram na segundasfeiras). Os alunos respondiam efetivamente na língua inglesa, mas quando por alguma razão respondiam em português o professor sinalizava para que voltassem para a língua alvo da aula. O professor proporciona debates entre os alunos não apenas trazendo os textos do livro adotado pela instituição, mas também provocando os alunos para que a partir dos textos troquem experiências falando e oferecendo possíveis soluções para cada um dos temas abordados, segundo seus contextos sociais e suas experiências de vida. Esses momentos foram bastante produtivos, pois a turma era pequena e podíamos ouvir a voz de cada um dos alunos. Outro aspecto que nos chamou atenção no atuar do professor Marcos Tadeu foi que por diversas vezes pude notar que ele estava encorajando seus alunos motivando-os a falar mesmo que cometessem erros. Dizia que os erros faziam parte do processo de aprendizagem e que eles precisavam cometê-los. Observei também uma aluna extremamente tímida sendo chamada pelo professor ao término da aula, ele sinalizou que precisava que esta aluna falasse, que se ela não falasse de um jeito que ele iria procurar uma outra forma de fazê-la falar. Ou nos debates ou respondendo as questões de exercícios...Falou de uma maneira cuidadosa que percebi a aluna mais confiante e dizendo que iria se esforçar para vencer a timidez. 7 4.

CARACTERIZAÇÃO DA AULA As aulas do professor Marcos Tadeu eram ministradas sempre das 19:00 às 21:30h no Centro de Línguas Estrangeiras de João Pessoa (CELEST). As habilidades Reading, Writing, Speaks e Listening foram trabalhadas em todas as aulas observadas por nós. Primeiramente o professor começava uma conversa descontraída com os alunos em seguida elegia uma pergunta norteadora para dar início ao conteúdo que seria trabalhado. Os alunos sempre participavam efetivamente dos diálogos com o professor e logo todos estavam envolvidos na conversação e empolgados em dar sua opinião, resolver algum problema, se fazer ouvir e ouvir o outro. Tudo isso com o olhar observador do professor que corrigia uma ou outra pronúncia e ajudava os alunos a lembrar determinada palavra ou construção em língua inglesa. Pude inferir então que a abordagem utilizada pelo professor é a sociointeracionista de Vygotsky. Visto que: “Para o teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação (RABELLO e PASSOS, 2018, p. 04). No segundo momento da aula, o professor apresentava um dos textos do livro American English File que foi adotado pela instituição e começava a trabalhar o Reading. Todos os alunos possuem o livro tanto físico quanto no formato digital. O professor solicitava voluntários para a leitura, alguns se prontificavam, outros fugiam dessa tarefa, mas o professor sempre tentava fazer um rodízio de leitores mesmo quando havia resistência. Enquanto faziam a leitura, cometiam alguns erros de pronúncia que discretamente o professor repetia da maneira correta fazendo com que em seguida o aluno já pronunciasse corretamente a mesma palavra. Depois da leitura sempre acontecia a interpretação do texto com perguntas diretas feitas pelo professor ou por exercícios propostos pelo livro. Quando o exercício era proposto pelo livro os alunos tinham alguns minutos para responder a tarefa. Na maioria das vezes respondiam nos seus livros físicos e em seguida o professor solicitava as respostas e conferiam os resultados. Quando encontravam alguma questão que os alunos discordavam o professor os ouvia e quando fazia sentido ele acatava a resposta, quando não cabia uma segunda interpretação o professor tentava clarear a ideia que era proposta pelo texto. No momento seguinte o professor tirava um momento para fazer uma revisão da gramática propriamente dita, porque todo o tópico gramatical já estava incluído

intuitivamente nos textos, vídeos, nos slides, enfim em todo o material e nos diálogos desde o início da aula. Quando terminava o tópico gramatical, o professor perguntava se todos haviam entendido ou se havia alguma dúvida e logo após finalizava a aula. 8 As aulas do professor Tadeu são todas contextualizadas o que leva os estudantes a experimentarem os diversos usos da língua inglesa. Assim como vislumbrarem novas perspectivas relacionadas as suas vidas pessoais e profissionais, além de proporcionar que os cidadãos tenham contatos com comunidades multilíngues que lhes possibilitarão um envolvimento cultural no mundo globalizado (BNCC, 2018). 9

5. REFLEXÕES DO ESTÁGIO VII NO CELEST

Essa reflexão será feita a partir do dia em que fiz minha inscrição na disciplina de Estágio Supervisionado VII, passando pelas minhas memórias e anotações feitas na Instituição onde atuei como Estagiária. Finalizando com algumas de minhas observações e pelo feedback dado pelo professor da disciplina logo após a apresentação da minha Regência. Acredito que todos nós alunos da Universidade Federal da Paraíba iniciamos o semestre de 2021.2 de uma maneira totalmente fora daquilo que já conhecíamos, vivíamos um clima de dúvida e desconfiança devido ao retorno das atividades após o relaxamento das medidas de contenção do Coronavírus. Contudo, decidi fazer minha matrícula no Estágio VII pois, tenho pouco tempo para finalizar a graduação de Letras Língua Inglesa. Inicialmente o semestre seria remotamente. Tivemos a primeira aula o professor apresentou alguns textos para serem trabalhados durante o período. Logo em seguida o professor passou orientações sobre o estágio e os procedimentos legais para cadastro e submissão de documentos para o estágio presencial. Nossas dúvidas foram sanadas pelo professor em outros momentos inclusive fora do horário de aula. O professor nos trouxe uma lista de possíveis Instituições, horários e professores para que escolhêssemos onde atuar durante o período de estágio. Como trabalho, não havia horário que eu pudesse conciliar com o estágio então não pude escolher nenhuma das Instituições e horários. Logo comuniquei ao professor que me sinalizou que iria falar com os coordenadores de Estágio para saber como poderíamos resolver esse impasse. A solução que tivemos foi um estágio no horário da nossa aula de Estágio VII. Toda segunda das 19 às 21:30 no Centro de Línguas de João Pessoa com o professor Marcos Tadeu. Logo após essa decisão fiz meu cadastro na plataforma do Sigaa (Plataforma utilizada pelos discentes e docentes da UFPB), entrei em contato com o professor e demos início ao período de observações presenciais. Ao chegar na Instituição o primeiro contato foi bem positivo, a instituição tem um pequeno estacionamento e um pequeno jardim que torna a entrada do ambiente bem acolhedor. Ao chegar na recepção a organização e o atendimento também nos fazem sentir bem no local. Vi alguns quadros com os objetivos da Instituição e certificados pendurados na parede. Cheguei cedo para fazer esse reconhecimento e foi bastante proveitoso para mim. Quando o professor chegou já se apresentou e me chamou para irmos até a sala dos professores. Nesse momento falei ao professor das minhas inseguranças e medos em começar essa etapa e que também estava muito preocupada com o nível dos alunos, pois a turma que observaria seria de Inglês V, o que corresponde ao nível intermediário. Então falei que ainda tinha muita insegurança com relação a língua. 10 O professor foi extremamente atencioso me contou algumas de suas experiências como aluno, falou das suas inseguranças e também das suas dificuldades com relação a língua quando era aluno. Me orientou a não ter vergonha porque eu estou no processo de aprendizagem e que isso será uma constância até mesmo quando começar a atuar como professor. O professor Marcos Tadeu me acalmou e disse que estaria ali para ajudar e que eu poderia contar com ele a qualquer momento. Logo em seguida o professor me mostrou os livros do aluno e do

professor utilizados na Instituição, os sites que ele costuma visitar para levar como apoio em suas aulas, os slides que preparava para cada aula e como utilizava cada um desses materiais. O professor também relatou como era a turma e que muitos alunos já estavam com ele há mais de dois anos e que eles tinham uma relação muito boa. Nos direcionamos até a sala de aula e ficamos aguardando os alunos. Quando chegaram o professor os cumprimentou e me apresentou como estagiária da Universidade Federal da Paraíba. Os alunos aparentemente ficaram à vontade com a minha presença. O professor começou sua aula e eu fiquei lá observando ele e também aos seus alunos. Foi bem interessante o meu sentimento naquele momento, fiquei impactada com a maneira que o professor começou a aula e a forma com que os alunos interagiam. A minha insegurança com relação à língua aumentou, pois os alunos são extremamente comunicativos e na minha percepção têm o mesmo nível de inglês que eu com a diferença que eles falam muito e eu ainda tenho muito receio em mediar ou ser protagonista em um diálogo em língua inglesa. A frase que utilizei em minhas anotações após eles ouvirem um diálogo e responderem questões de interpretação foi: “Eles são muito bons! Assustador! “ Durante toda a aula houve interação, eu fiquei maravilhada com o professor que dá a sua aula com muita segurança e firmeza. Sempre ouvia o que o aluno perguntava e respondia seus questionamentos. Em uma das semanas de observação houve um evento chamado Cinecelest uma espécie de semana cultural. Uma oportunidade para trazer um momento mais descontraído para os alunos da Instituição. O professor Marcos Tadeu me mostrou o filme (The Breadwinner) que havia escolhido para apresentar aos alunos. O filme conta a história de uma menina afegã de apenas 11 anos que se transveste de menino para poder trabalhar e alimentar sua família depois que seu pai foi preso. No dia da apresentação do filme o professor começou a noite indagando aos alunos sobre o que eles achavam que uma mulher poderia ou não fazer. Perguntou às meninas se havia alguma coisa que elas não puderam fazer pelo fato de ser mulher. Fez essa pergunta também para os rapazes. Achei essa abordagem muito positiva pois, traz o tema da projeção que a sociedade faz para determinado gênero. 11 Os relatos das meninas e dos dois rapazes que estavam presentes foram emocionantes, eles falaram sobre as limitações e os perigos de serem mulheres e de como os meninos não podem demonstrar os seus sentimentos. Logo em seguida o filme foi apresentado e os a turma pode observar que os problemas relatados por eles foram retratados no filme. Um outro momento que me chamou bastante atenção nas minhas observações foi quando os alunos precisaram apresentar um seminário como uma das avaliações. Cada aluno deveria encontrar uma personalidade para apresentar à turma. Fiquei muito emocionada com a apresentação de um dos alunos. Ele trouxe a história da Irmã Dulce que foi canonizada a pouco tempo tornando-se a primeira santa brasileira. Apesar de não ser religiosa essa apresentação me tocou porque fui criada em Salvador e desde muito pequena conheço as obras sociais e os benefícios que a irmã Dulce trouxe para o povo baiano. (Foto autorizada pelo aluno) Uma outra apresentação de seminário que chamou atenção foi de uma aluna que trouxe a vida de Elza Soares. Durante a apresentação a aluna mostrou inúmeros prêmios que a cantora recebeu ao longo de sua carreira e criticou dizendo que:” Apesar de todo o seu talento, em seu próprio país a Elza era conhecida primeiramente como a mulher do jogador Garrincha”. Fiquei muito feliz com esse posicionamento da aluna. Durante essas apresentações acertei o dia da minha regência com o professor. Dia 16/05/2022. Neste mesmo dia meus pensamentos eram: dizer para o professor Marcos Tadeu que eu não estava me sentindo preparada, que eu iria falar com o professor Edmilson que não iria continuar na disciplina, esses dentre outros inúmeros pensamentos inseguros

chegaram na minha cabeça... No entanto firmamos o dia e o tema da aula. No dia seguinte mandei uma mensagem via WhatsApp para o professor Edmilson informando que estava pensando em trancar a disciplina, pois os alunos estavam no mesmo nível de inglês que o meu e não me sentia preparada. O professor entendeu minhas inseguranças, pediu para que eu confiasse mais em mim e que treinasse bastante em casa e fosse a diante. Assim foi feito. Preparei meu plano de aula, enviei para o professor Marcos Tadeu que logo me orientou para alinharmos alguns pontos que não haviam ficado claros pra ele. Alinhamos os pontos e tudo ficou pronto para o dia da Regência. 12 6. A REGÊNCIA No dia da Regência cheguei cedo ao Celest para treinar mais um pouco para a aula que iria apresentar. O professor Marcos Tadeu chegou e começou a me passar algumas orientações, trouxe um jogo que ele havia me sugerido usar caso sobrasse tempo... Ficamos ali na sala dos professores até a chegada do professor Edmilson. Fomos até a sala de aula, o professor Marcos Tadeu me ajudou a instalar os materiais que iria utilizar. Perguntei ao professor Edmilson se eu poderia fazer a regência sentada porque eu estava muito nervosa. Edmilson respondeu que por ele tudo bem. O notebook e demorou cerca de 10 minutos para ligar. Quando tudo estava pronto cumprimentei os alunos dando início assim a regência. Como durante todas as observações havia gostado muito da abordagem que o professor Marcos Tadeu fazia em suas aulas, resolvi fazer da mesma maneira. Então comecei a aula perguntando se os alunos sabiam o que eram Good Manners. Obviamente eles responderam rapidamente com seus olhares que me diziam que estavam super curiosos para saber como eu iria desenvolver aquele conteúdo. Não consegui promover o debate entre eles então passei rapidamente para o segundo slide que traziam imagens de situações sociais e algumas frases. Então pedi para que se voluntariassem para ler as frases e dizer se concordavam se aquela situação era good or bad manners. Eles se voluntariaram neste momento e consegui fazer o que tinha planejado para aquela tarefa que era exatamente promover leitura e que eles expressassem suas opiniões. Logo em seguida sentei e solicitei outro voluntário para a leitura do texto que iríamos trabalhar (Two sides to every story). O texto trazia a história de duas pessoas que passaram por constrangimento com relação as diferentes formas de comportamento por não serem da mesma cultura. Um aluno leu o texto e depois outro continuou a leitura e eu apenas ajudava numa ou outra pronúncia. Depois o livro traz um exercício de interpretação de texto. Na questão pedia-se que os alunos sinalizassem o que consideravam “certo” ou “errado” de acordo com o que eles entenderam das atitudes dos personagens do texto. Os alunos responderam e então conferimos as respostas juntos. No dia da Regência muitos alunos faltaram e os que estavam presentes resolveram sentar todos na mesma fila, isso me deixou um pouco desconfortável porque não pude olhar para todos eles e me direcionei na maioria das vezes ao aluno que estava mais próximo a mim. Fizemos um outro exercício que perguntava quais eram as atitudes que os personagens haviam feito de errado. Então deixei um tempo para que os alunos respondessem, em seguida, perguntei se haviam finalizado e então corrigimos a questão. Após esse momento ainda pensei em fazer o jogo que embora não tivesse no plano de aula daria para aplicar, pois ainda tinha muito tempo sobrando. No entanto, achei melhor pedir desculpas pelos erros e entregar a turma ao professor M.T que ao retornar para a frente da turma pediu para que eu não me desculpasse porque estou no processo de aprendizagem. 13 Não trabalhei a gramática propriamente dita porque combinamos eu e professor Marcos Tadeu que eu ficaria com a primeira parte da aula trabalhando textos, diálogos, exercícios (todos utilizando intuitivamente a gramática) e ele assumiria em seguida introduzindo a gramática aplicada. Que como eram feitas em todas as

aulas na Regência também seria para que os alunos recordassem, pois eles já haviam trabalhado esses tópicos no semestre anterior. Finalizando minha Regência sentei próximo ao professor Edmilson e continuamos observando a aula do professor Marcos Tadeu até o final. Enviei uma mensagem de texto para o professor Edmilson dizendo que eu não tinha ido bem. Edmilson respondeu dizendo que embora eu tivesse ficado muito nervosa me saí bem. Quando o professor Marcos Tadeu terminou sua aula nos despedimos, eu agradei imensamente sua generosidade em abrir as portas da sua sala de aula para que eu pudesse cumprir essa etapa do Estágio Supervisionado. Depois fui conversar com o professor Edmilson que me orientou com relação a alguns tópicos, mas que estava tudo bem. Com sentimento de dever cumprido fui para casa. Alguns dias depois tivemos o feedback das Regências com Edmilson professor da disciplina. Fizemos um encontro remoto via Zoom e nesse momento o professor pontuou algumas questões referentes ao dia da regência como: horário de início, horário do término, erros cometidos, ausência de um plano B, duração da regência. O professor falou que se estivéssemos em uma entrevista de emprego que não me contraria. Foi terrível ouvir isso! Para Reichmann (2018, p. 231) “Revisitar situações que podem ser qualificadas como frustrantes é um meio para ressignificar a situação vivida, dotando o professor de mais recursos para agir.” Portanto, apesar de não esperar um feedback tão negativo, lembrei todo o trabalho feito anteriormente e durante a Regência e falei para o professor que realmente eu havia cometido erros, que apesar de ter treinado muito a Regência não havia saído exatamente como eu esperava e que atribuo isso ao nervosismo. Falei que ainda tenho muito a aprender, mas que eu tenho a consciência de que tenho crescido muito nos últimos semestres. Como aluna preciso reforçar que meu processo de aprendizagem tem sido uma crescente ao longo da minha vida acadêmica. Tenho consciência de que ainda há muito que aprender e aperfeiçoar os conhecimentos que já adquiri. Numa autoavaliação de 0 a 10, me daria um 8 porque considero que cumpri tudo o que foi proposto pela disciplina, precisando apenas fazer ajustes no que diz respeito a atuação em sala de aula.

14 REFERÊNCIAS BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Fundamental). Brasília: MEC, 1998. RABELLO, ET e PASSOS, J.S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. Disponível em no dia 14 de junho de 2022. REICHMANN, C. L. Horizontes (IM) Possíveis no Estágio: práticas de letramento e formação de professores de línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018

ANEXOS

ANEXO A – 86 trechos iniciais selecionados dos relatórios

1. Como material para dar suporte às aulas utilizamos em nossas tarefas áudios e objetos esportivos.
2. Em sala de aula utilizamos objetos que eles utilizam nos esportes que praticam...a bola com guizo...usamos um tapper, confeccionamos medalhas com material plástico.
3. ...consistia em os aluno seguirem em dupla para fazer uma entrevista
4. ...adaptações nas comunicações como toque ajustado a fala e ao tom de voz.
5. Achei interessante a leitura acompanhada porque percebi que os alunos se sentem menos nervosos.
6. Distribuí o texto que havia preparado para a turma. Minha escolha foi a biografia de Tom Jobin.
7. Apresentei nessa hora um slide com fotos...
8. Tentei usar o quadro para melhor esclarecer.
9. Apresentei uma outra tarefa que pensei para aula. A música Who Knew de Pink para eles ouvirem...
10. Essas aulas em princípio foram oferecidas no modelo remoto via Google Meet.
11. Então segui para trabalhar a gramática aplicada.
12. ...responderem uma tarefa preenchendo os espaços em branco.
13. Porém, fez umas análises pontuais no meu Plano de Aula.
14. ...chegou e começou a me passar algumas orientações, trouxe um jogo que ele havia me sugerido usar...
15. Então, passei rapidamente para o segundo slide.
16. Um aluno leu o texto e depois outro continuou a leitura.
17. Depois o livro traz um exercício de interpretação.
18. ...a primeira parte da aula trabalhando textos, diálogos, exercícios...
19. Fizemos um encontro remoto via Zoom e nesse...
20. ...trazendo os textos do livro adotado pela instituição.
21. ...todo o tópico gramatical já estava incluído intuitivamente nos textos, vídeos, nos slides...
22. ...Me mostrou o filme The BreadWinner que havia escolhido para os alunos.
23. O notebook demorou cerca de 10 minutos para iniciar.
24. Como nosso trabalho era com alunos com deficiência visual, tivemos o cuidado em trazer para as aulas materiais que pudessem facilitar o aprendizado a partir do tato e da audição.
25. Durante todo o estágio procuramos elaborar nossos planos de aula baseados nos contextos vividos pelos alunos.
26. Ainda estava sem uma escola e um professor colaborador para fazer suas observações.
27. O Estágio... começou com muitas incertezas. Uma delas foi a dificuldade em encontrar uma escola e um professor que pudesse abrir sua sala de aula para que eu realizasse o estágio na cidade onde moro.
28. Ser avaliada pelo professor ter a aula filmada também me deixou muito insegura.

29. Em seguida respirei fundo e coloquei o plano de aula em prática.
30. Distribuí os textos que havia preparado para a turma. Minha escolha foi a biografia de Tom Jobim.
31. Como o texto era bem curto quando elaborei o plano havia pensado em utilizar...
32. Não daria tempo para trabalharmos os outros pontos do plano de aula
33. A minha intenção neste momento da aula era apresentar o texto, perguntar se os alunos conheciam...
34. Apesar do tempo muito chuvoso a sala estava muito quente e minha garganta já estava seca. Num determinado momento os alunos de outra turma começaram a passar pelos corredores, se comunicar com os alunos da sala e isso me deixou desatenta. Eu fiquei com a atenção dividida entre a turma e os alunos lá fora.
35. A instituição tem como objetivo preparar os alunos para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).
36. Outra dificuldade foi que iniciamos com aulas remotas por causa da Pandemia de COVID 19.
37. Preciso destacar que essas irregularidades no sentido de saber como seriam as aulas se remotas, presenciais ou híbridas , se conseguiria conciliar as aulas com o meu trabalho...Isso afetou de certa forma o meu planejamento da disciplina, pois era um terreno instável.
38. Isto porque a proposta da escola é enfatizar a leitura e a escrita em língua inglesa com o objetivo de preparar os alunos...
39. Neste dia foi necessário juntar duas turmas por causa de problemas estruturais. Com tudo, o professor conseguiu seguir seu plano de aula com muita desenvoltura.
40. Nas suas aulas o professor...sempre trazia um texto para ser trabalhado.
41. No dia da Regência sai de casa com duas horas de antecedência para evitar contratemplos. No entanto, num dia de chuva para quem utiliza transporte público em João Pessoa isso é impossível.
42. Minha escolha foi a biografia de Tom Jobim para trabalharmos o Past Simple.
43. Apresentei uma tarefa que pensei para a aula. A música... para eles ouvirem e responderem uma tarefa preenchendo os espaços...
44. A ideia nesse momento era tocar a primeira parte da música e deixar que eles respondessem o exercício.
45. No primeiro momento parecia que daria certo, mas logo depois... os alunos se perderam... percebi que até eu mesma tinha me dispersado naquele momento.
46. O Centro... tem como missão oferecer o ensino de línguas estrangeiras gratuitamente com qualidade e responsabilidade social.
47. No segundo momento da aula o professor apresentava um dos textos do livro... que foi adotado pela instituição e começava a trabalhar o Reading.
48. Quando o exercício era proposto pelo livro os alunos tinham alguns minutos para responder a tarefa.
49. No momento seguinte o professor tirava um momento para fazer uma revisão da gramática propriamente dita.
50. Acredito que todos nós alunos... iniciamos o semestre de 2021.2 de uma maneira totalmente fora daquilo que já conhecíamos. Vivíamos um clima de dúvida e desconfiança devido ao retorno das atividades após o relaxamento das medidas de contenção do Coronavírus.

51. Não havia horário que eu pudesse conciliar com o estágio então não pude escolher nenhuma das instituições.
52. Cheguei cedo para fazer esse reconhecimento e foi bastante proveitoso para mim.
53. Nesse momento falei ao professor das minhas inseguranças e medos em começar essa etapa e que também estava muito preocupada com o nível dos alunos.
54. Então falei que ainda tinha muita insegurança com relação a língua
55. O professor me mostrou o livro do aluno e do professor utilizados na instituição, os sites que ele costumava visitar para levar como apoio em suas aulas.
56. Eu não estava me sentindo preparada...que não iria continuar na disciplina
57. Preparei meu plano de aula, enviei para o professor.
58. Cheguei cedo no Celest para treinar mais um pouco para aula que iria apresentar.
59. Começou a me passar algumas orientações, trouxe um jogo que ele havia me sugerido usar.
60. O notebook demorou cerca de minutos para ligar.
61. Não consegui promover o debate entre eles, então passei rapidamente para o segundo slide.
62. Eles se voluntariaram neste momento consegui fazer o que tinha planejado para aquela tarefa.
63. No dia da Regência muitos alunos faltaram e os que estavam presentes resolveram sentar todos na mesma fila, isso me deixou um pouco desconfortável porque não pude olhar para todos eles e me direcionei na maioria das vezes ao aluno que estava mais próximo a mim.
64. Pensei em fazer o jogo...daria para aplicar pois, ainda tinha muito tempo sobrando. No entanto, achei melhor entregar a turma ao professor.
65. O professor foi extremamente atencioso...Me orientou a não ter vergonha porque eu . estou no processo de aprendizagem...disse que estaria ali para ajudar e que eu poderia contar com ele a qualquer momento.
66. No dia seguinte mandei uma mensagem para o professor informando que estava pensando em trancar a disciplina pois, os alunos estavam no mesmo nível de inglês que o meu. O professor entendeu minhas inseguranças, pediu para que eu confiasse mais em mim.
67. Preparei meu plano de aula e enviei para o professor...que logo me orientou para alinharmos alguns pontos que não havia ficado claro para ele. Alinhamos os pontos e tudo ficou pronto para o dia da Regência.
68. O professor... chegou e começou a me passar algumas orientações , trouxe um jogo que ele sugeriu usar caso sobrasse tempo.
69. Fomos até a sala de aula o professor...me ajudou a instalar os materiais que iria utilizar.
70. Então resolvi seguir a orientação da professora da disciplina que sugeriu uma escola...
71. Percebi uma felicidade da parte dele acredito que por estar podendo contribuir com essa etapa tão importante para a formação de professores.
72. Quando mesmo diante de todos esses percalços consegui com ajuda do professor...estipular um dia, hora e um planejamento para começar minhas observações, fui a campo.
73. O professor já havia dito que a turma era muito participativa e que os alunos eram bem engajados.

74. Encontrei o professor que imediatamente me entregou o material que eu havia pedido para que imprimisse.
75. Como o texto era bem curto, quando elaborei o plano havia pensado em utilizar a biografia de Machado de Assis, mas o professor...me orientou a não o fazer. Achei melhor ouvi-lo. O que foi uma ótima decisão porque realmente não daria tempo para trabalharmos os outros pontos do plano de aula.
76. Achei que não fui assertiva, mas no final da Regência o professor... me disse que achou interessante essa outra maneira de explicar o mesmo assunto... que não tinha pensado por essa perspectiva.
77. Tive um momento de conversa com o professor. Ele me deu um feedback positivo, porém fez umas análises pontuais no meu plano de aula.
78. O primeiro plano de aula que elaboramos juntamente com a professora regente foi com o conteúdo do verbo play, go e do. Fizemos isso por observarmos o interesse dos alunos pelo esporte.
79. Elaboramos uma tarefa de intervenção que consistia em os alunos seguirem em dupla para fazer uma entrevista.
80. Conhecemos as dependências ligadas aos esportes em geral para a partir desse contexto elaborarmos nosso primeiro plano de aula.
81. O tema a ser trabalhado foi discutido pela professora regente e as quatro estagiárias...
82. Como nosso trabalho era com alunos com deficiência visual tivemos o cuidado em trazer para aula materiais que pudessem facilitar o aprendizado a partir do tato e da audição.
83. Durante as análises da aula com a professora regente pude notar que a maneira como ela trazia os conteúdos era totalmente diferente da forma com que meus antigos professores nos ensinavam médio e fundamental traziam.
84. Durante as análises da aula com a professora regente pude notar que a maneira como ela trazia os conteúdos das aulas era totalmente diferente da forma com que meus antigos professores nos ensinavam médio e fundamental traziam. Uma abordagem comunicativa e prática que convidava sempre os alunos a participarem do processo de aprendizagem e não serem simplesmente expectadores de uma aula.
85. Quando fui atuar... voltei ao modelo dos meus antigos professores do ensino médio e fundamental.
86. A posição de professor centralizador me incomoda, então tentei trabalhar para tirar esse posicionamento da minha prática.

ANEXO B – Recorte com 15 trechos selecionados

<p>Trecho 1 – relatório (ICPAC 2019)</p> <p><i>Durante as análises da aula com a professora regente pude notar que a maneira como ela trazia os conteúdos das aulas era totalmente diferente da forma com que meus antigos professores nos ensinavam médio e fundamental traziam. Uma abordagem comunicativa e prática que convidava sempre os alunos a participarem do processo de aprendizagem e não serem simplesmente expectadores de uma aula.</i></p>
<p>Trecho 2 – relatório (ICPAC 2019)</p> <p><i>Quando fui atuar...voltei ao modelo dos meus antigos professores do ensino médio e fundamental.</i></p>
<p>Trecho 3 – relatório (ICPAC 2019)</p> <p><i>A posição de professor centralizador me incomoda, então tentei trabalhar para tirar esse posicionamento da minha prática.</i></p>
<p>Trecho 4 – relatório (CELEST 2022)</p> <p><i>No dia da Regência muitos alunos faltaram e os que estavam presentes resolveram sentar todos na mesma fila, isso me deixou um pouco desconfortável porque não pude olhar para todos eles e me direcionei na maioria das vezes ao aluno que estava mais próximo a mim.</i></p>
<p>Trecho 5 – relatório (ECIT DOM JOSÉ MARIA PIRES 2022)</p> <p><i>Como o texto era bem curto, quando elaborei o plano havia pensado em utilizar a biografia de Machado de Assis, mas o professor...me orientou a não o fazer. Achei melhor ouvi-lo. O que foi uma ótima decisão porque realmente não daria tempo para trabalharmos os outros pontos do plano de aula.</i></p>
<p>Trecho 6 – relatório (ECIT DOM JOSÉ MARIA PIRES 2022)</p> <p><i>Achei que não fui assertiva, mas no final da Regência o professor... me disse que achou interessante essa outra maneira de explicar o mesmo assunto... que não tinha pensado por essa perspectiva.</i></p>
<p>Trecho 7 – relatório (ICPAC 2019)</p> <p><i>O primeiro plano de aula que juntamente com a professora regente foi com o conteúdo do verbo play, go e do.</i></p>
<p>Trecho 8 – relatório (ICPAC 2019)</p> <p><i>Todos os alunos participaram, interagiram uns com os outros, com a professora regente e as estagiárias.</i></p>
<p>Trecho 9 – relatório (ICPAC 2019)</p> <p><i>Como material para dar suporte às aulas utilizamos em nossas tarefas áudios e objetos esportivos.</i></p>
<p>Trecho 10 - relatório (ICPAC 2019)</p> <p><i>Em sala de aula utilizamos objetos que eles utilizam nos esportes que praticam...a bola com guizo...usamos um tapper, confeccionamos medalhas com material plástico.</i></p>
<p>Trecho 11 – relatório (ECIT Don José Maria Pires 2022)</p> <p><i>No primeiro momento parecia que daria certo, mas logo depois da segunda estrofe os alunos se perderam. Então decidi voltar tudo e ir por parte, mas percebi que até eu mesma tinha me dispersado naquele momento. A música era bem agitada e conseqüentemente os alunos foram se animando em uma proporção que pra mim já se tornou impossível controlar. Minha atenção mais uma vez se dispersou quando um dos funcionários sinalizou que estava gostando da música... Enfim, nesse momento tive a certeza que aquela não havia sido uma boa escolha de música, por ser agitada e comprida demais.</i></p>

Trecho 12- relatório (ECIT Don José Maria Pires 2022)

*...acredito que deveria ter feito uma escolha de música com **uma letra menor e mais tranquila**. Porém o adequar da tarefa foi positivo: Fizemos a primeira parte, corrigimos...*

Trecho 13- relatório (ECIT Ecit Don José Maria Pires 2022)

*No dia da regência saí de casa com duas **horas de antecedência** para evitar contratempos. No entanto, num dia de chuva para quem utiliza transporte público em João Pessoa isso é impossível. Fiquei bastante **triste, desapontada, nervosa**, um misto de sentimentos e pensamentos tomavam minha cabeça naquele momento.*

Trecho 14- relatório (ECIT Don José Maria Pires 2022)

*Quando elaborei o plano havia pensado em utilizar a biografia de Machado de Assis, mas o professor...me orientou a não o fazer. Achei melhor ouvi-lo e continuar apenas com a biografia do Tom. O que foi uma ótima decisão porque realmente **não daria tempo** para trabalharmos os outros pontos do plano de aula.*

Trecho 15- relatório (ICPAC 2019)

Como nosso trabalho era com alunos com deficiência visual, tivemos o cuidado em trazer para a aula materiais que pudessem facilitar o aprendizado através do tato e da audição